

convergência

ABRIL 1972 — ANO V — N.º 44



página 9:

creio para que possa entender

página 21:

a disponibilidade cristã

CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Endereço telegráfico: Conferência
Rio

Assinaturas para 1972:

Brasil: via terrestre Cr\$ 30,00
 via aérea Cr\$ 35,00
Exterior: via marítima.. US\$ 10,00
 via aérea US\$ 15,00
Avulso Cr\$ 3,00

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 —
Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — Petrópolis, RJ.

E D I T O R I A L	1
I N F O R M E	3

A FÉ:

CREIO PARA QUE POSSA ENTENDER	
J. B. Libânio	9

A DISPONIBILIDADE CRISTÃ, Maura Marques	21
VIDA RELIGIOSA ENTRE OS PO- BRES, Elisabeth Moreaux	31
ESTUDO SOCIOGRÁFICO DOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DA AMÉRICA LATINA, Documento da CLAR	41
A REGIONAL DO RECIFE	53
ESTANTE DE LIVROS	57

NÓS SOMOS FUTURO

Um dos maiores teólogos europeus, L. BOROS, nos deu, neste original, meditação teológica sobre a esperança. Uma visão do homem, que no mais alto de sua plenitude, já é futuro.

O futuro de Cristo que nos precedeu no segredo futuro absoluto de Deus. Aos que vivem na insegurança e na angústia, NÓS SOMOS FUTURO, fala de esperança numa vida digna do homem, de esperança na plenitude humana, de esperança na promessa de Deus.

**Edições Loyola - Rua Vergueiro, 165
Caixa Postal 12.958 - SÃO PAULO - SP**



EDITORIAL

Cada dia que desponta nos surpreende com uma novidade de impacto: um movimento, uma descoberta, uma guerra, um encontro, uma nova religião, uma nova filosofia.

Rejeitam-se fórmulas e tradições; criam-se outras. É uma vida em ebulição, em busca de si mesma.

Despertamos e anoitecemos em busca da vida. Mesmo não querendo, tropeçamos com a vida ou a destruição.

Ocorre-nos a pergunta sobre qual das duas prevalecerá; ou melhor qual o sentido de uma e de outra. Por antítese, se obtivemos a resposta para a vida, a destruição deixou de existir.

Nós queremos a vida. Mas a vida não é um ser que nós agarramos e escondemos.

É um complexo, um emaranhado de fatos, um tecido de pequenas e diárias ocorrências, de inutilidades ditas, de gestos, desejos, olhares, caminhadas, bruscas paradas, um torvelinho de coisas, seres, pessoas que se cruzam, recruzam, todos nos tocando, empurrando, agarrando, gritando, interrogando, respondendo,

olhando, silenciando. A vida, numa pessoa que passa, sem deixar rasto, sem saber porque existiu.

A vida, numa pessoa ou fato, que balizam a direção da história. Como poderemos compreender estas contradições, aparentes ou reais?

Quem nos dará a chave para interpretar a multiplicidade dos sinais centrados sobre nós? O cristianismo não eliminou as dificuldades. A vida continuou tão complexa quanto antes. Deu-nos, porém, na pessoa de Cristo, a harmonia, o equilíbrio de todas as tensões. É o ideal, a clarificação de que todos os movimentos incidentes em minha história podem convergir para a unidade. Isso nem sempre sentimos. No entanto, é básico que tenhamos consciência desta verdade, que procuremos desvendar o sentido de nossa história e acreditemos que tudo converge para a realização plena da vocação que o Senhor nos deu.

Cristo apareceu e vive conosco. Sintetizou e plenifica a história.

O **Pe. Libânio**, na seqüência de seus artigos sobre a fé, busca nos encaminhar na descoberta do sentido de nossas vidas e dos acontecimentos que nos envolvem. Para se entender o que se passa conosco e ao nosso redor, temos de crer.

É a chave para encontrarmos a entrada para a verdadeira vida. A fé nos dará a latitude e a longitude de nossa viagem. Não significa ausência de problemas, mas luz para entendê-los ou enfrentá-los.

Para tanto nos ajudarão as reflexões que a **Irmã Maura** tece sobre a disponibilidade. Esta é uma exigência para o crente uma conseqüência. Disponível para ouvir a Deus e aos homens, pois fala ao coração mas sobretudo pelos acontecimentos e gestos de nossos semelhantes. Tudo exige atenção, espaços em nossa vida, silêncio. A concretização em realização salvadora para o próximo será uma decorrência.

Exemplificando, em termos concretos, a disponibilidade da vida religiosa em bem do próximo, a **Irmã E. Moreaux** nos relata uma experiência vivida num meio extremamente pobre.

A Regional de Recife, com sua coloração e dinâmica originais, sempre como grande esperança para o Nordeste. Assim deixaremos mais este número de **Convergência** em suas mãos. **Convergência** é a sua revista.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SITUAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA

Proseguimos nos esforços para obter as assinaturas dos principais credores civis no PROTOCOLO-ACORDO, sobre o qual foram informados pormenorizadamente todos os Superiores Maiores do Brasil, em correspondência de 18 de janeiro de 1972. Naturalmente, cada assinatura é uma conquista trabalhosa. Como já dissemos no último número de CONVERGÊNCIA, este ACORDO significa que os credores civis aceitam receber apenas 60% do seu crédito, sem juros de praticamente 22 meses sobre o valor principal do crédito e correspondentes juros de mora e sem correção monetária, com a obrigação ainda de levantar todas as ações judiciais em curso, além de que o pagamento se protraí por 14 meses pelo menos, com uma depreciação substancial dos valores em questão.

No momento, já com quase 75% do valor do crédito assinado, as dificuldades se concentram na obtenção de assinaturas de firmas que têm seus centros de decisão fora do país, o que exige inúmeras iniciativas de explicação e motivação junto aos seus comandos no exterior. Continuamos lutando com perseverança e fé, certos de que, a tempo, o SENHOR nos permitirá superar totalmente este problema.

Por outro lado, será positivo consignar que, embora não tendo resolvido o problema dos pagamentos, a CRB tem já, há quase um ano, perfeitamente regularizada e atualizada toda a sua contabilidade, com produção de balancetes mensais antes do dia 10 de cada mês, com controle diário do remanescente da cobrança de UNILOJAS em todo o Brasil, com mapas semanais em dia.

Foram equacionados quase todos os erros administrativos tumultuados pela precipitação da crise em julho-setembro de 1970. Eles hoje não são mais do que triste recordação e duras cicatrizes de uma tremenda catástrofe. O mesmo vale com relação à UNILOJAS cujas vendas foram encerradas praticamente em todos os pontos do país em que havia filiais. Permanece São Paulo, mais para efeito de liquidação do material recolhido por insolvência na cobrança e para manutenção jurídica da organização em ordem ao reconhecimento de créditos a cobrar.

Contamos com o positivo apoio das orações de todos para que o problema, atualmente muito bem encaminhado, possa ser levado a termo em futuro não remoto.

IRMÃ MARIA ANTÔNIA AZCUNE, PRIMEIRA E ÚNICA, COMO VIGÁRIO EPISCOPAL PARA AS RELIGIOSAS

No dia 6 de abril, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Salles, escolhia Irmã Maria Antônia Azcune, ratificando a escolha de quase três mil religiosas, para Vigário Episcopal das Religiosas da sua Arquidiocese. O cargo implica atribuições até então reservadas e conferidas apenas a sacerdotes. Embora alguém possa pensar que a Irmã Azcune, como é conhecida e chamada, será somente uma Assistente e uma Assessora do Vigário Episcopal, Mons. João d'Ávila Moreira Lima, de fato, Irmã Azcune exercerá o cargo de Vigário Episcopal.

Dom Eugênio dá mais um passo de pioneiro, como antes já dera, em 1964, ao nomear as primeiras irmãs para dirigir paróquias nos subúrbios de Salvador e anteriormente em Nísia Floresta.

Natural de Bilbao, Espanha, Ir. Azcune vive e trabalha no Brasil há mais de 20 anos, dedicando-se à educação. Foi Diretora dos Colégios da Congregação da Companhia de Maria; foi mestra de noviças; foi provincial da única província brasileira, que abrange Rio, São Paulo e Minas. É **Secretária Executiva da CRB, Regional da Guanabara e Estado do Rio**. Atenderá, além do expediente na Regional, às três mil religiosas da cidade do Rio, no Palácio São Joaquim. Dedicar-se-á ainda, como manifestou desejo o Sr. Cardeal Dom Eugênio, à Pastoral dos Conjuntos Habitacionais, dando um apoio concreto ao atendimento social e espiritual de seus moradores.

Irmã Azcune coordena um número apreciável de atividades para religiosos: cursos e palestras de aprofundamento teológico e espiritual, tardes e dias de oração, retiros, promoção de grupos de reflexão, encontros de experiência fraterna, reuniões de interiorização e diálogo, visitas às comunidades.

De uma timidez sorridente e cativante, Irmã Azcune sente-se feliz no cumprimento dos votos que fez. Busca, no cotidiano, a revitalização de tudo o que quis quando escolheu livremente a consagração religiosa. Como todas as religiosas de sua congregação, há mais de seis meses, traja civilmente.

Reflexões de Irmã Azcune:

"É preciso procurar Deus na pessoa humana como ela é, pois cada criatura é um dom de Deus. O melhor caminho de chegar ao criador."

"Meu trabalho será sempre uma presença de serviço. Minha escolha não significa uma vitória pessoal. Haverá maior responsabilidade, mas estou tranquila. A responsabilidade é sempre grande quando se caminha na linha do relacionamento com as pessoas humanas."

"O hábito significa pouco. A realidade é muito mais profunda do que a aparência exterior."

Repercussão

A eleição de Irmã Azcune foi um ato que repercutiu posteriormente em todos os meios de opinião da sociedade, religiosa e leiga, seja em razão de sua pessoa reconhecidamente capaz; seja pela

Inovação do fato (a primeira mulher que exercerá a função no país e na Igreja Católica); seja pelo fato de ser uma mulher. É um testemunho da ascensão da presença feminina em todos os pontos da sociedade. A mulher caminha ao lado do homem.

Na sede nacional da CRB, na sala de

Madre Azcune, estiveram a imprensa escrita diária (jornais) do Rio e de São Paulo; a imprensa falada do Rio e de São Paulo; a imprensa televisionada do Rio; a imprensa escrita semanal e mensal do Rio e de São Paulo. No exterior, Europa e América Latina, o fato repercutiu muito positivamente.

P U C — R I O NOVA FACULDADE TEOLÓGICA OUTORGA GRAUS ACADÊMICOS

Exmo. Revmo.

P. Marcello de Carvalho Azevedo, S. J.
Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil
RIO DE JANEIRO — GB

Tenho a grata satisfação e imperioso dever de levar ao conhecimento de V. Revma. que a Sagrada Congregação para a Educação Católica, pelo Decreto "Sacra Theologia", de 20 de janeiro de 1972, reconheceu o Departamento de Teologia da PUC-RIO, como Faculdade de Sagrada Teologia, outorgando-lhe o direito de conceder graus eclesiásticos de Bacharel, Mestre, e Doutor em Teologia.

O sobredito Decreto foi transmitido pelo Exmo. Revmo. Senhor Núncio Apostólico ao Grão Chanceler da PUC, Dom Eugênio Salles, a quem, na qualidade de Arcebispo do Rio de Janeiro, compete a estreita supervisão, doutrina e aprovação nominal do Diretor e Professores da recém-constituída Faculdade.

Assim sendo, ao mesmo tempo que agradecemos a confiança sempre demonstrada por parte da CRB e prometemos esforçarmos por continuar a merecê-la no futuro, colocamos mais uma vez a serviço da Igreja no Brasil e da CRB a nova Faculdade de Sagrada Teologia, em tudo o que ela possa representar como centro de reflexão e formação de sacerdotes, religiosos e leigos.

Respeitosamente,

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1972

P. Ormino Viveiros de Castro, S.J.
Reitor

VIDA E MINISTÉRIO SACERDOTAL

De 27 a 30 de abril, realizou-se em Petrópolis, Estado do Rio, no auditório do Colégio Madre Regina, por iniciativa e com o patrocínio da CNBB, um encontro nacional sobre **Vida e Ministério Sacerdotal**. Do encontro, que foi coordenado por Dom Valfredo Tepe e Pe. Celso Queiroz, participaram 32 pessoas, dos mais diversos Regionais do Brasil, sendo sete bispos.

Anteriormente haviam sido selecionados cinco temas como fundamentais para o estudo e que realmente foram debatidos no encontro.

1.º) Espiritualidade presbiteral. "O padre, abatido na hora presente, precisa reencontrar sua vida, descobrir a novidade que o tire do desânimo. Ele precisa redescobrir a gratuidade de Deus, o sentido de sua vocação à luz da Palavra de Deus."

2.º) O Presbitério e a Comunhão Hierárquica. "Doutrinariamente clara, pastoralmente acolhida por muitos como nova esperança, a doutrina do presbitério e da comunhão hierárquica exige que se comece a agir à sua luz benéfica."

3.º) Pastoral realizadora da pessoa do presbítero. "Uma dimensão realizadora do ministério presbiteral é que ele se vincule a uma realização histórica e definida de Igreja, através de uma comunidade onde possa ver a fé crescer,

compartilhar a vida e cujas experiências sejam para ele um chamado constante para superar a si mesmos."

4.º) Instrumental de renovação da Vida Presbiteral. Foi analisada a validade de cursos, encontros, retiros, reuniões, equipes de presbíteros, equipes volantes.

5.º) Problemas da afetividade. Concluiu-se que a solução deles poderá encontrar-se no aprofundamento da vida teológica, no equilíbrio psicológico, na mudança de ambiente, na valorização existencial do celibato.

O grupo dos 32 participantes foi unânime em seu voto positivo à organização e aos resultados do Encontro. Manifestaram o desejo de que os textos sobre os cinco temas fossem levados ao conhecimento de todos os presbíteros. Para tanto os participantes se responsabilizaram em fornecer um amplo relatório aos Conselhos Presbiterais Regionais e Diocesanos.

Manifestaram também o desejo de que os encontros deste tipo se tornem regulares, fazendo parte da programação da Linha 1. Vale salientar finalmente o ambiente fraterno e franco que reinou durante os quatro dias. Não obstante o realismo dos relatórios e das exposições concretizou-se uma clara esperança na possibilidade de solução dos problemas analisados.

ENCONTRO DOS MONGES DA AMÉRICA LATINA

Durante o Congresso dos Abades, em setembro de 1970, em Roma, decidiu-se

que haveria um Encontro de representantes das várias comunidades de mon-

ges da América Latina, em 1972. Este Encontro realizar-se-á no Rio de Janeiro, de 22 a 30 de julho, no Mosteiro de São Bento, sob a coordenação do Abade Dom Basílio Penido, Presidente da Comissão de Intercâmbio Monástico do Brasil.

O tema geral do Encontro A VIDA MONÁSTICA, HOJE, NA AMÉRICA LATINA, será examinado debaixo de uma série de subtítulos.

Dia 22: O monaquismo no mundo de hoje, pelo Abade Primaz D. Remberto Weakland.

Dia 23: O contexto histórico latino-americano do monaquismo, por D. Gabriel Guarda, do Chile. Tomada

de Consciência da situação político-social da América Latina, pelo Dr. Cândido Mendes de Almeida.

Dia 24: Pobreza e trabalho dos monges, por Dom Abade Eduardo Chiotto, da Argentina.

Dia 25: Liturgia e Oração, por Dom Roberto Chiogna, da Argentina.

Dia 27: Problemática monástico-vocacional na América Latina, por Dom Prior Pedro Alurralde, da Argentina.

Dia 28: Vida Comunitária, por Dom Prior Lorenzo Ferrer, da Colômbia.

Dia 29: Avaliação dos trabalhos. Votação das conclusões.

NOTÍCIAS DA REGIONAL DE CAMPO GRANDE — MT

Assembléia do Conselho Episcopal Regional. O Instituto de Pastoral de Mato Grosso, Campo Grande, (IRPAMAT) acolheu de 10 a 14 de abril os Pastores da Igreja de Mato Grosso, juntamente com os Coordenadores da Pastoral e Assessores Regionais, para juntos procurarem linhas claras e definidas para o crescimento da Igreja naquela região. Foram dias de intenso trabalho, sérias reflexões e de autêntica vivência comunitária.

Participantes. Os Senhores Bispos, Coordenadores de Pastoral, Diretoria da CRB, Secretário da R.E.O. e da CRB-MT, Diretoria do IRPAMAT, Coordenadores da Pastoral Diocesana, Assessores Regionais, Pe. J.A. Ruiz Copégui, assessor da CNBB para a Linha 3, Mons. Fernando Ribeiro pelo IPEC.

Conclusões

1. O novo representante do IPREC é Frel Raimundo Schurmann que contará com a assessoria da Equipe, em especial da Irmã Madalena, Secretária Executiva da CRB.

2. A explicitadora do tema **Prodoeste**, Profa. Denise Vasconcelos, foi indicada como assessora junto à Regional, para acompanhamento, informações e sugestões de iniciativas concernentes ao desenvolvimento do programa e de suas conseqüências para todo o Regional. Dom Henrique, Bispo de Diamantino, foi escolhido como responsável para encaminhamento de negociações junto ao Governo.

3. Sesquicentenário. Cada diocese fará suas programações de acordo com as

autoridades civis das respectivas áreas. Recomendou-se o livro **O Clero e a Independência**, de D. Duarte Leopoldo e Silva, que está sendo reeditado pela Arquidiocese de São Paulo.

4. **Formação de líderes polivalentes.** Irmã Amália já iniciou suas visitas às dioceses. Em maio visitará Aquidauana, diocese de Corumbá. Em junho, a diocese de Cáceres; em setembro, a região de Três Lagoas, Diocese de Campo Grande.

5. **Criatividade Comunitária.** Foi bastante proveitosa a revisão sobre Metodologia de Criatividade Comunitária, sobretudo em face dos bons resultados verificados na Prelazia de Rondonópolis, projeto piloto da Regional. A Comissão

Episcopal encarece a extensão de sua implantação. Em esfera regional, Pe. Ubajara e Irmã Madalena estão em condição de atender as solicitações das dioceses e congregações. Os treinamentos visam capacitar as lideranças atuais e constituir outras para que a ação pastoral seja explícita, ordenada e global, quanto:

- aos níveis de atuação, isto é, quanto a definição de responsáveis e de funções;
- ao método de análise, planejamento e acompanhamento;
- aos aspectos da realidade levando-se em conta não só os aspectos especificamente religiosos, mas todos os demais.

A NOVA CONVERGÊNCIA

Foi geral a boa, e mesmo entusiástica, acolhida à **nova Convergência**, por parte de nossos assinantes de todos os pontos do Brasil. A nova Convergência agradou.

— **no formato** menor e por isso mais facilmente manuseável em quaisquer circunstâncias;

— **no conteúdo**, pelo indispensável de fundamentação teológica, bíblica e evangélica e pela variedade de outras informações;

— **na apresentação gráfica.** Embora o sistema seja tipográfico e não mais o sistema off-set, nada em sua apresentação revela a mudança;

— **e na novidade** das primeiras e últimas oito páginas.

Resta agora fazê-la chegar às mãos de todos os religiosos ou, ao menos, fazê-la chegar a todas as nossas obras, a todas as nossas instituições. Convergência é a revista dos religiosos do Brasil. Para isso contamos com seu apoio; enquanto de nossa parte, o compromisso de sempre preparar uma revista portadora de trabalhos de interesse e de real valor.

Creio Para Que Possa Entender

Credo ut intelligam. Creio para que possa entender. Santo Anselmo no primeiro capítulo do **Proslogion** explica-nos o sentido de tal axioma. “Não tento, Senhor, penetrar tua profundidade, pois de modo nenhum pode minha inteligência medir-se com ela; mas desejo compreender em certa medida tua verdade, que meu coração crê e ama. Não procuro compreender para crer, mas creio para compreender. Pois creio de tal modo que se não cresse, não compreenderia” (1).

J. B. LIBÂNIO

Talvez seja necessário refletir sobre o aspecto da inteligibilidade da fé. Víamos no artigo anterior que a realidade de nossa fé é continuamente ameaçada, seja pelos questionamentos da hora atual, seja por dentro, por causa da sua própria estrutura. Parecia então que não teríamos resposta diante de tais questionamentos, que um perder-se cego, quase irracional, no mistério obscuro do crer pelo crer.

De fato não é assim. A fé tem a sua racio-

nalidade, sem contudo se esgotar nesta categoria. Foi sempre uma tarefa da fé buscar sua inteligibilidade, consciente, contudo, dos limites de tal busca. **Fides quaerens intellectum.** A fé em busca de inteligência (2). Este programa, formulado assim concisamente por Santo Anselmo no século XI, torna-se em todas as épocas necessário, pois o homem oscila sempre entre um racionalismo esterilizante, seco e um fideísmo sentimental, irracional. Mas ele só se sente, em plenitude, homem, quando supera a frieza da racionalidade pelo calor do amor, do compromisso, do dar-se e, de outro lado, não se deixa prender pela irracionalidade do fanatismo, do emocional, do sentimental. Viverá sempre nessa tensão. Suprimir um dos pólos é sua ruína. A fé não é racionalidade pura. Também não é sentimento, nem emoção, nem paixão, nem entrega cega e irracional. É feita de razão e amor. Entrega e lucidez. Compromisso e compreensão.

De modo mais conciso e preciso, podemos dizer que a fé não se reduz à razão, ainda que não acontece sem a razão. O assentimento da fé não se determina pela evidência da realidade crida, pois a fé não é ciência. A fé essencialmente fundamenta-se no testemunho e não na percepção interna da realidade. Em outras palavras, a fé não se apresenta como o termo de um raciocínio, mas se faz através da liberdade aderente e decisiva do homem.

Neste sentido não existe uma "racionalidade" da fé. Seria a destruição de seu elemento religioso, de sua liberdade, de sua opção-resposta à proposta salvífica de Deus. No lin-

guajar técnico teológico diz-se que a fé não é "rationalis", mas "rationalibilis" (3).

Se ela não se reduz na verdade à razão, (não é "rationalis"), contudo só se dá em consonância com a estrutura racional do homem "rationalibilis", cuja característica é de agir em conformidade com sua índole racional deixando-se dirigir pela razão nas suas decisões livres. A fé, portanto, não acontece na cegueira alienante e alienadora, contra a razão e inteligência. O homem deve saber-se explicar porque aderiu à proposta de um Deus que se lhe revela como Salvador.

Tentação de suprimir um dos pólos

Onde há dois pólos, aí há tensão. Onde há tensão, ora se acentua um dos pólos, ora outro. Parece que a tensão é uma ameaça ao homem. Ele sente tentado a suprimi-la pela eliminação de um dos pólos. Se o faz, percebe logo as sérias conseqüências e recomeça de novo o mesmo processo.

O homem nunca aprenderá a lição do equilíbrio. Assim, quanto ao nosso problema da fé, houve momentos em que essa parecia reduzir-se a um ato da inteligência em acolher uma série de verdades reveladas por Deus. O peso caía nas verdades e na inteligência que as reflete, que as compreende, que as prova. Em reação a esta perspectiva racionalista, surge o fideísmo, que retira à fé todo apoio racional (4). Este fideísmo frutificou sobretudo no mundo francês dos fins do século passado em oposição ao pensamento racio-

nalista fortemente em vigor. O verdadeiramente salvífico se punha na convicção, na entrega do coração e não no conhecimento racional e seguro da fé (5).

A teologia depois do Vaticano I respondeu a esse fideísmo com vigoroso acento na racionalidade da fé. Num dos principais capítulos do Concílio Vaticano I, aparece solene tomada de posição a respeito da relação entre fé e razão.

— Para que contudo o obséquio de nossa fé fosse consetâneo à razão [Rom 12,1], quis Deus unir com os auxílios internos do Espírito Santo os argumentos externos da Revelação... que são sinais certíssimos da revelação divina e acomodados a inteligência de todos [DS 3009]. Estes argumentos externos, sinais certíssimos da revelação, são especialmente as profecias e milagres.

Sem dúvida, uma teologia de manuais, que se seguiu ao Vaticano I, exagerou esse aspecto válido do Vaticano I. Isto explica um renascer anti-intelectualista no que toca ao problema da fé. Cabe, pois, uma reflexão sobre as conseqüências negativas de tal atitude em relação à própria fé. Na prática pastoral, tem surgido ultimamente movimentos de juventude e de adultos, em que o acento se coloca exageradamente no emocional, no sentimento. Crer e não crer se resolve em receber forte impacto emotivo diante de uma apresentação, às vezes, dramática do cristianismo e, sobretudo, da pessoa de Jesus Cristo.

O risco de tal apresentação da fé cristã, a meu ver, é desproporcional em relação a eventuais efeitos posi-



PARA REFLEXÃO

tivos. Favorece a criação de clima emocional, carregado até mesmo de fanatismo, gerando uma religião incontrolável. Em alguns casos, chega-se mesmo ao delírio anárquico, de modo que se pode perguntar pelo aspecto eclesial, comunitário da fé. A fé é um engajamento pessoal e público, laço de comunhão com todos os crentes (6).

A fé é proclamada dentro de uma comunidade. O creio nunca é do indivíduo no seu isolamento, mas sempre em comunhão com a longa tradição eclesial, que se estende através dos séculos. O aspecto ex-tásico de tal tipo de manifestação de fé, a modo do "Kentucky Revival" americano, adquire formas anárquicas, em oposição ao aspecto eclesial da verdadeira fé (7). Além do mais, tais manifestações assumem, muitas vezes, uma atitude reacionária. Toda atitude reacionária tem elementos irracionais, no sentido de que assume formas aparentemente destituídas de sentido e contra o uso normal da razão equilibrada e julgadora do homem.

Numa perspectiva de psicologia profunda, afirmar-se-á a existência de um sentido e explicação que, contudo, muitas vezes, não são totalmente ou de modo nenhum conscientes. Mas, interessa-nos, na nossa visão teológica, chamar a atenção de que a fé verdadeira exige uma racionalidade proporcional ao alcance de seu engajamento. Não se pode situar no mundo selvagem e desconhecido das emoções, do sentimento, sem receber a luz clarificante da razão. Ela é sempre uma resposta do homem a uma proposta de Deus.

Ora toda resposta supõe a apreensão e compreensão, pelo menos até certo ponto, da proposta. A fim de que tal resposta seja condizente com a conduta humana, não pode confundir-se com uma reação instintiva, mecânica ou puramente afetiva, sem saber-se explicar seu sentido.

Uma vez vista a necessidade da racionalidade no nosso compromisso de fé, surge a questão mais difícil de analisar a natureza dessa racionalidade a ponto de responder às exigências do pensamento atual.

Graus de racionalidade

Antes de tudo, cabe observar que o grau de racionalidade necessário na realização do ato de fé vai depender do nível cultural do fiel, dos problemas existentes nele, de elementos ambientais em que vive, e de diversos outros fatores.

Há pessoas muito simples — que não quer dizer simplórias nem simplistas —, cuja estrutura espiritual continua tranqüila, no meio às borrascas religioso-culturais em que vivemos. Para elas, os fundamentos

racionais oferecidos tradicionalmente no ensino religioso comum são suficientes para que possam crer com lealdade e sinceridade.

Haverá uma imensa massa de cristãos, que segundo J. Daniélou, constitui também a autêntica Igreja de Cristo, com certa consciência cuja justificativa racional de sua fé se reduzirá ao mínimo de pertencer a uma sociedade, sociologicamente falando, cristã (8). Esta pertinência para eles é tão significativa, que basta, a fim de viver com autenticidade sua fé. Não surgiram na sua vida dificuldades que vieram abalar a profundidade de tal adesão. Neste tipo de vivência, haverá também muitos graus de explicitação da fé. Existirá talvez um extremo tão débil em vitalidade de fé, que se pode seriamente duvidar se se trata de uma verdadeira fé ou um cerimonial externo de ritos.

Não se pode, contudo, negar que haverá muitos que viverão com autenticidade e lealdade até o fim, assumindo responsabilmente sua fé na medida em que vão vivendo, sem nunca contudo necessitarem de maiores justificativas. Noutras palavras: eles se encontraram crendo e não se lhes surgiu nenhum motivo para já não crer, no correr de sua existência. A fé que lhe sobreveio, tornou-se uma fé pessoal, através de um processo tranqüilo e normal (9).

Mas existirá, entretanto, outra porção da Igreja de Cristo, em que a vida de fé se torna uma experiência dolorosa, de lutas, de dúvidas, de crises, de oscilação, de momentos de muita paz e certeza e de horas cheias de trevas. Para esses visam sobretudo nossas reflexões.

Sinais de credulidade

Esta preocupação de mostrar e justificar racionalmente a fé, dentro dos limites de sua realidade singular, já acontece dentro da própria Sagrada Escritura. Deus aparecia, na perspectiva do Antigo Testamento, falando através de seus profetas. Estes clamavam bem alto:

**“oráculo de Javé”,
“ouvi, casa de Israel”,
“a Palavra de Javé”,
“assim fala Javé”,
“a palavra de Javé foi-me dirigida”**

e outras expressões semelhantes, de que está cheio o Antigo Testamento. Mas esta Palavra de Deus era confirmada, garantida, pelos “sinais” proféticos. Moisés para apresentar-se como enviado de Javé pede-lhe poder dar algum sinal, que o credencie diante do povo [Ex 4,1ss].

E de fato, o povo creu e se convenceu diante dos sinais prodigiosos feitos por Moisés [Ex 4,28ss]. Portanto podemos dizer que a fé mono-teística do povo eleito se apoiava nos sinais, por meio dos quais Javé se revelara como o único verdadeiro Deus da natureza e da história (10).

A tradição sinótica e os Atos dos Apóstolos salientam que Jesus pregava e curava toda doença e enfermidade do povo [Mt 4,23]; que começou a fazer e a ensinar [At 1,11]. Contudo é João que vai insistir sobre os “sinais” e sua função no ato de fé: Jogando com os conceitos de sinal e obra, João quer levar a que acreditemos Cristo ser o Filho de Deus e assim tenhamos a vida.

Muitos creram no nome de Jesus porque viram os “sinais” que fazia [Jo 2,23]. Os sinais foram escritos para que creiamos que Jesus é o Cristo, Filho de Deus [Jo 20,30-31]. Os sinais são manifestação da glória de Cristo [Jo 2,11], que ele tinha junto do Pai [Jo 17,5]. Cristo realizando a obra do Pai, glorificou-o [Jo 17,4]. Agora os homens, em vendo estas obras, não se podem mais excusar de não crer [Jo 15,22] e seu ódio a Cristo é ódio ao Pai, é condenação [Jo 15,24]. Quase seria necessário copiar S. João, tão profundo e abundante é esse tema no seu evangelho (11).

Posição tradicional

A preocupação de justificar racionalmente o nosso assentimento de fé tornou-se ao longo da história da Igreja uma preocupação constante. Desde Lucas que se preocupou em oferecer a Teófilo uma “exposição ordenada para que conheça a solidez daqueles ensinamentos que recebe-

ra" [Lc 1,4] até os autores atuais que buscam uma apresentação da revelação coerente com a inteligência moderna de si mesmo e do mundo, todos procuram mostrar a revelação como algo solidamente fundado e, portanto, respondendo às exigências de uma razão crítica (12).

Uma maneira clássica de apresentar a racionalidade da fé procurava mostrar a evidência da credibilidade (**evidentia credibilitatis**) e a evidência do dever ser crido (**evidentia credenditatis**), através de uma análise crítico-histórica do fato da revelação e uma reflexão metafísica. O ponto fulcral de tal método era demonstrar que Deus, infinitamente santo e sábio, confirmou com verdadeiros milagres, cujas narrações fidedignas e históricas chegaram até nós nos livros da Sagrada Escritura, a revelação realizada por Jesus Cristo.

O milagre não pode confirmar uma falsidade, porque seria contra a santidade de Deus. Logo a revelação trazida por Cristo é digna de fé e deve ser crida (13). Desde o surgir da Apologética da Imanência na viragem de nosso século, cujo expoente principal foi M. Blondel (1861-1949), tal método vem sofrendo repetidas críticas (14). Talvez um dos pontos principais das críticas seja que tal demonstração da racionalidade da fé não responda às exigências da inteligência do homem de hoje, que sente dificuldade em aceitar a inteligibilidade do milagre, ponto fulcral do método clássico (15), e sente também a carência da dimensão histórica, existencial, antropocêntrica (16).

Tal mal-estar diante de um método que prestou durante muitos anos

ótimo serviço na descoberta da fé, no seu fortalecimento, não significa nenhuma renúncia a uma busca de mostrar a racionalidade do ato de fé. O programa de um Santo Anselmo continua sempre válido: **fides quaerens intellectum**. A fé em busca de inteligência. A inteligência deve responder ao momento histórico em que vive o homem.

Crise do sentido de Deus

É evidente que há hoje uma crise de fé, porque no fundo há uma crise do sentido de Deus (17) ou simplesmente uma crise do sentido sem mais. Uma reflexão sobre o problema do sentido poderá ajudar-se assumir a experiência da fé no nível da inteligência. Diante de qualquer reflexão sobre a fé, faz-se mister ter bem claro seu limite. A inteligência da fé faz-se dentro da própria fé.

Não vos espanteis, escreve Santo Anselmo, de que digo: aquele que não crê, não compreenderá. Pois aquele que não crê não fará a experiência; aquele que não tem a experiência não conhecerá. De fato, assim como a experiência supera a audição, assim a ciência daquele que faz a experiência o coloca acima do conhecimento daquele que não faz senão ouvir (18).

Nenhuma razão de crer dispensa de crer, ainda que não se possa crer sem razão (19).

A pergunta angustiosa que o homem moderno se põe é de saber se ele pode crer com lealdade intelectual em Deus. Tal ato de fé não seria para ele uma renúncia de ser homem, uma diminuição de sua verdadeira autonomia? A raiz do huma-

nismo ateu está exatamente na impossibilidade de poder crer em Deus, sem que isto seja uma abdicação de ser plenamente homem (20).

Por que então é racional crer em Deus e não é uma loucura nem irracionalidade?

Porque a existência humana não é um absurdo, mas tem um sentido último. De fato, não só há sentido em crer em Deus, como o não-crer destrói todo o sentido profundo da existência. Na sua existência o homem faz a experiência da beleza, da verdade e do amor. Em cada uma dessas experiências, percebe dentro de si uma ressonância profunda com tais realidades.

Quanto mais pura for sua experiência de beleza, de verdade, de amor, tanto mais feliz, mais realizado, mais intimamente plenificado se sente. Doutro lado, o homem percebe que tais experiências aumentam dentro dele uma sede de tais realidades. Se reflete em profundidade, nota que experimenta na transitoriedade das vivências concretas algo que transcende tal transitoriedade. Este algo é apreendido no obscuro da experiência concreta, fugaz, caduca. É um algo que se o homem se pergunta com sinceridade e seriedade, deve dizer, que responde aos seus anseios e que exerce sempre sobre ele atração irresistível.

Mais ainda. O homem sente que esta realidade se lhe impõe de modo absoluto, sem que ninguém tenha que dizer, controlar ou definir. Sente mais ainda. Sua liberdade, essa realidade primigênia de sua pessoa, percebe-se limitada por essa realidade (21). Não é o homem que faz a beleza, a verdade, o amor. Quando ele as quer fazer a seu arbítrio, sente o fracasso, o vazio. Talvez na experiência do amor isso apareça mais claro. O homem sente que é feito para amar.

Num primeiro momento poderia pensar que fosse simplesmente um instinto ou um dinamismo que ele pudesse orientar a seu bel prazer. Muitas vezes tenta fazê-lo assim. Transforma o outro no instrumento de seu amor. Pode sentir satisfeito no momento e mesmo isto pode ser um período de sua vida. Mas cada vez vai fazendo a dolorosa experiência de que não pode instrumentalizar o outro. Este se lhe impõe como uma exigência de amor. Muitas vezes esta exigência vem contradizer seus desejos naturais, espontâneos.

Surge a luta. Na medida em que tal exigência vence, se impõe, nessa medida o homem se sente plenificado, realizado, feliz. Isto vai se repetindo ao passo que ama. As pessoas podem variar. A experiência se repe-

POR QUE É RACIONAL CRER EM DEUS? POR QUE NÃO É UMA LOUCURA?

**Porque a existência humana
não é um absurdo
mas tem um sentido último.**

te, mas sempre nova. Em cada experiência plenificante de amor, percebe que é feito para o Amor sem mais. Este ser-feito-para-o-amor é experimentado em cada ato de amor, como uma concretização, realização de uma orientação fundamental. Nenhuma das realizações consegue esgotar tal tendência, tal orientação profunda.

Doutro lado, o homem quer ser total, absoluto em seu ato de amor. Isto o dilacera por dentro. Só pode amar na transitoriedade, ele que se experimenta orientado para um amor em plenitude. A literatura está cheia da descrição de tal experiência. É a eterna fonte do lirismo humano. A sede de amar é tão grande, que a única palavra humana que a pode exprimir é "eternidade". O amor se percebe eterno. Quer ser eterno. O amor faz eternidade. O amor é eternidade.

Realidade ou ilusão

Mas a esta altura de nossa reflexão, parece que extrapolamos. A nossa experiência nunca poderá falar da existência de tal eternidade, de tal amor sem limite, de tal última realidade plenificante, pois só experimentamos e vivemos o instante. Todas as nossas experiências são fugazes, caducas, transitórias.

Talvez seja o nosso destino ser um caminhante em marcha a busca de uma pátria inexistente. O termo da viagem pode ser uma ilusão, uma projeção-miragem, como o andarilho no deserto vê a cada instante cascatas de água cristalina na loucura de sua sede.

O homem encontra-se, pois, na encruzilhada fundamental de sua vi-

da: ou aceitar que toda essa realidade que vive com lealdade e seriedade, que é toda a contextura de sua existência, que é enfim sua própria vida tem um sentido último, é plena de finalidade, possui verdadeira teleonomia ou dizer que tudo não passa de ilusões, de um sentido transitório e que, portanto, no fundo não merece seu compromisso total e empenhativo até suas últimas conseqüências escondendo na sua raiz última um horrível absurdo.

Aquele que crê — a fé se justifica no interior mesmo de sua realidade — nunca poderá convencer-se com evidência matemática da certeza de sua fé ou tentar demonstrar ao outro a inevitabilidade de um assentimento de fé. Esta tarefa está excluída do próprio campo da fé. Mas, poderá sim, e não deverá deixar esse espaço da inteligência aberto para que qualquer aventureiro o preencha — poderá sim, mostrar a si mesmo e a quem quer refletir com ele a profunda racionalidade de crer na existência de um Sentido último, de uma realidade que ilumina sua existência.

O problema da racionalidade da fé é, em última análise, uma pergunta sobre a coerência e consistência da mesma. Ora, devo perguntar-me:

É mais coerente, mais consistente com minha razão aceitar que a realidade de minha vida tem um sentido, não se explica pelo absurdo do destino, mas pela ordem, pelo amor, pela beleza, pela verdade

ou

Tudo são ilusões, absurdo, transitoriedade, caducidade de modo que

nada pode explicar porque me empenho seriamente na existência?

Quem responde tal pergunta, responde o problema da racionalidade da fé em Deus.

Deus último sentido

De novo, podemos perguntar-nos se não extrapolamos, ao passar do Sentido último para Deus. Reflitamos. Como se nos aparece esse último sentido? Como experimentamos esta última realidade nas nossas vivências de amor, de beleza, de verdade? Esta realidade se nos aparece como algo que nos limita. Não surge de dentro de nós, como uma criação espontânea nossa ou herdada através de uma cultura, mas como algo que se nos impõe de modo insofismável.

E quando experimentamos testar sua validade, a experiência confirma com o vazio e o tédio a negação de tal valor, de tal sentido. Ora, nós somos realidade pessoal, vivemos entre pessoas e nenhuma coisa de si tem a força de se nos impor. O homem é o senhor da criação. Todas as criaturas foram postas a seu serviço. Nenhuma delas pode, portanto, ser esse "algo" que o limite. Nenhuma energia, que pertença ao cosmo, pode ser esta última realidade. O homem só pode entender que seja uma pessoa.

O homem só pode entender uma pessoa como alguém, um ser capaz de conhecer, de amar. Então esse "algo" surge para o homem como um "alguém" último, que o ama, que o conhece, que é a última explicação de sua existência, o último sentido de sua vida, de seu engajamento com a realidade que o cerca.

Aqui os nomes diferem. Mas a realidade é uma e única. Para o cristão, esse alguém é um Alguém, Pai. É Deus. Então para o cristão dizer: creio em Deus assume um sentido muito profundo, imensamente consuetâneo com sua razão. Poderá continuar sua tarefa de cientista, de profissional na maior de sua seriedade e ao mesmo tempo dizer com lealdade: "eu creio em Deus". Essa fé não o exclui do mundo humano, não o faz um ser alienado, que abdicasse sua autonomia, sua razão.

Antes. Com esse ato de fé o homem se encontra real e plenamente como homem, ser racional que age segundo sua razão crítica. Ele não renuncia à razão para crer, mas exerce-a na fé, ainda que sabe que seu ato de fé vai mais além da evidência matemática. Pois, em certo momento encontrou-se diante de outra possibilidade: admitir o absurdo, o tran-

sitório como o último sentido da realidade. Mas nesse momento, não só a sua razão, percebendo a coerência de sua coragem em admitir o Sentido, mas sua vontade se exerce na liberdade da aceitação dessa última Realidade, como um Ser pessoal que o ama, que o conhece, que o destina a uma comunhão de amor com ele.

Aí sua razão se abre numa continuidade maravilhosa, envolvida pelo dom desse próprio Deus em quem crê, para a vida de fé. Inicia um novo caminhar. Sua inteligência iluminada por essa fé descortina novos horizontes na sua existência, lendo nela a presença sempre amorosa de Deus.

O sentido e os absurdos

Os enigmas dolorosos da vida, sem perder seu caráter brutal e cruciante, vão encontrar no fundo um sentido. Nos absurdos, que povoam a história de todo homem lançado-à-existência, o cristão pode fazer a experiência de Deus.

Repete no século XX a experiência de um Jó. Este não só fez a experiência de Deus na abundância dos bens e na felicidade, mas também quando cai sobre ele a pesada mão da provação, que o priva dos bens, dos familiares e da própria saúde. Esta experiência de Deus no absurdo dos acontecimentos não lhe impede os gritos de dor, comparando seu sofrimento com a areia dos mares [Jó 6,2-3], maldizendo o dia de seu nascimento [Jó 3,11], sentindo o peso do mistério de Deus que faz perecer o justo como o pecador [Jó c.9] Apesar disto e em tal experiência, ele crê [Jó c.19] na obscuridade de tal mistério (22).

Deus não é imanente ao mundo no sentido de ser alguém que faz parte da cadeia dos acontecimentos humanos, da vida cósmica, da evolução, da história, agindo de modo categorial, mas presente na ordem, na virtude, no pecado, na desordem, no absurdo, no bem, no mal, no êxito, no fracasso de nossa vida (23).

A fé nos faz experimentar Deus em todas essas experiências. Exatamente nesse ponto, o evangelho nos narra o exemplo da experiência que Cristo fez de seu Pai no abandono da cruz. Quando Deus parecia mais longe dele, quando tudo parecia que ia para o total fracasso, sentindo a solidão dolorosa da morte, no abandono dos discípulos e na sentida ausência do Pai, Jesus exclama: Pai, em tuas mãos entrego meu espírito [Lc 23,46].

Decisão, expressão do sentido

Todas estas reflexões parecem opor de modo muito radical os dois extremos: ou crer num sentido último, numa realidade que funda a própria realidade, isto é, Deus ou crer no absurdo, no sem-sentido.

Será que não existe uma posição intermédia de alguém que não crê em Deus, que não aceita esse sentido último, mas doutro lado, a vida não lhe é um absurdo, antes engaja-se seriamente nela somente levado por um sentido provisório, uma hipótese de trabalho, um simples "talvez" transitório, sem necessidade de caráter absoluto?

A experiência humana parece comprová-lo. Muitas pessoas afirmam viver exatamente assim. Não crêem em Deus, mas vivem com leal-

dade, sinceridade, dedicação, coragem, embarcados no sentido provisório, na valorização real do momento, sem outras preocupações de algo que transcenda tais momentos. Talvez isto seja possível, mas só teoricamente. No mundo de sua explicitação, o homem vive nessa perspectiva, levando o provisório seriamente.

Mas quem leva o provisório tão seriamente, que chega em muitos momentos dar-se totalmente a ele, entregar-se a si mesmo, realizar renúncias, que chegam ao grau comparável à própria vida, não chama

somente de provisório este momento, essa sua vida, mas na verdade já descobriu o absoluto, pois só ele pode despertar a coragem de tal doação. Nocialmente, de modo temático e enunciado, o homem chama de "provisório", mas existencialmente, realmente ele se entrega ao Absoluto. Pois fazemos, de fato, de Absoluto aquilo que empenha em radicalidade nossa vida. Se isto for o prazer, o dinheiro, o mando, somos em última análise idólatras. Negamos a Deus. Mas se isto é o amor verdadeiro, fazemos do amor o absoluto. Quando o absoluto é o amor, temos Deus, pois Deus é amor [1 Jo 4,8].

NOTAS

- (1). S. Anselmus, Prosl. c.I, citado por: H. Bouillard, *Comprendre ce que l'on croit*, Paris 1971, pág. 18.
- (2). J. Bainvel, Anselme de Cantorbéry, em: *Dict. Théol. Cath.* (Paris 21909), I, col. 1336.
- (3). J. Alfaro, *Fides, Spes, Caritas*, Romae 1968, págs. 378/9.
- (4). L. Bouyer, *Dictionnaire Théologique*, Tournai 1963, pág. 264.
- (5). K. Rahner — H. Vorgrimler, *Diccionario teológico*, trad. esp. Barcelona 1966 col. 260.
- (6). H. de Lubac, *La Foi chrétienne*, Paris 1969, pág. 346.
- (7). No início do século XIX, nos EUA, o movimento "Kentucky Revival" levou ao extremo o comportamento emotivo nas manifestações religiosas. Ver: Beatriz Muniz de Souza, *A experiência da Salvação. Pentecostais em S. Paulo, Duas Cidades*, São Paulo 1969, pág. 23.
- (8). J. Daniélou, *La foi de toujours et l'homme d'aujourd'hui*, Paris 1969, 34/5.

- (9). K. Rahner, *Glaubst Du an Gott?* München 1967, pág. 7.
- (10). J. Alfaro, o.c. págs. 388/9.
- (11). P. Grelot, *Le problème de la foi dans le 4e. évangile*, em: *Bible et Vie Chrétienne* 52 (1963) págs. 61 ss.
- (12). A. Kolping, *Fundamentaltheologie. I. Theorie der Glaubwürdigkeitserkenntnis der Offenbarung*, Regensburg Verlag, Münster 1968, 35 págs. 70.
- (13). Ver entre outros: M. Nicolau — J. Salaverri, *Introductio in Theologiam. De Revelatione Christiana. De Ecclesia Christi. De S. Scriptura. Sacrae Theologiae Summa I.* BAC, Madrid 1950.
- (14). P. Henrici, IV., *Immanenzapologetik*, em: *Sacramentum Mundi, Theologisches Lexikon für die Praxis*, Freiburg, 1968, I, 276.
- (15). R. Latourelle, *Démembrement ou renouveau de la théologie fondamentale*, em: *Concilium* n. 46 (1969, juin) pág. 36.
- (16). Cl. Geffré, *L'histoire récente de la théologie fondamentale. Essai d'interprétation*: em: *Concilium* n. 46 (1969, juin) pág. 22.
- (17). J. Daniélou, o.c. pág. 15.
- (18). S. Anselmus, *Ep. de Incar. Verbi*, c. 2; citado por H. Bouillard, o.c. pág. 20.
- (19). H. Bouillard, *Lógica da fé*, trad, bras., São Paulo 1968, pág. 5.
- (20). J. Daniélou, o.c. pág. 10.
- (21). J. Daniélou, o.c. pág. 43.
- (22). A. Lefèvre, *Job (le livre de)*, em: *DBS*, Paris 1949, IV, 1094-1097.
- (23). J.M. González-Ruiz, *Creer es comprometerse*, Barcelona 1968, pág. 13.

*Cresce
cada vez mais
a consciência
de que ser pessoa
significa abertura
em ordem à relação
com os outros*

IR. MAURA MARQUES
Pequena Irmã da D. Providência

A DISPONIBILIDADE CRISTÃ

Disponibilidade, atitude do cristão e do religioso, porque antes o é do homem, devido às exigências de seu próprio ser. O homem, ser disponível, só se realiza na abertura ao mundo, aos outros homens e a Deus.

O cristianismo dinamiza esta capacidade natural para a disponibilidade e lhe possibilita a plenitude, através das virtudes teologais da fé, da esperança, da caridade.

Na vida religiosa, os votos, liberando o coração e a vida, têm como resultado capacitar as pessoas para certa qualidade de disponibilidade radical para Deus e para os irmãos.

O homem, ser disponível

A pessoa humana é realidade contraditória de um ente simultaneamente aberto e fechado, existente e todavia em contínuo "vir-a-ser". Segundo Mouroux, "não é nem um animal nem um anjo, mas participa de ambos e sintetiza todos os paradoxos de uma essência composta de princípios contrários e de um ser situado, fora do espaço e do tempo, mas tendo que desenvolver-se neles" (1).

Por uma análise da existência humana, poderemos concluir o que foi escrito acima. Ao tomar consciência de si, o homem toma consciência do

seu ser no mundo, com os outros. Ao mesmo tempo, no interior de si mesmo, percebe a consciência de sua liberdade, poder de afirmação, de atividade pessoal e de comunicação com os outros. À medida em que se afirma, abre-se para seu semelhante, enquanto outro centro pessoal. Essa comunicação baseia-se sobre a profunda identidade da natureza, a solidariedade na História e no mundo, a comunidade nos destinos.

Dizer que o homem é um ser no mundo, na História, membro da sociedade humana significa que sua existência se desenrola dentro dos limites do tempo, é marcada pelos espaços e sofre uma série de condicionamentos. Essa limitação espaço-temporal do homem lhe vem do corpo que é matéria e como tal imane ao mundo e à História. O espírito sofre também condicionamentos, enquanto forma uma totalidade com o corpo, mas pode e deve assumir tais condicionamentos, para daí partir para a construção do mundo, para a criação da História.

A atividade criadora é expressão da transcendência da pessoa, que se realiza, ultrapassando-se a si mesma. Por isso, o homem "há de chegar à sua estrutura propriamente dita em não demorar em si, em sair sempre de novo, de seu íntimo, de seu pensar e querer, com as faculdades do espírito e do coração, e em entrar no mundo que o rodeia. O encontro mais inevitável, mais grave em consequência, é o encontro com o "tu". O "eu" tendo ao "tu", isto é, à sociedade" (2).

Mas, a transcendência intra-humana não basta para a realização plena do homem, pois como o "eu" não se basta a si mesmo também não pode encontrar no "tu" humano a justificação cabal de sua existência, a sua razão de ser. Do mesmo modo que ele, os "outros" são seres finitos, recebem a existência.

Santo Agostinho fala de uma capacidade do homem para a Pessoa Suprema, para o Ser infinito, a quem chamamos Deus. É este o termo da transcendência do homem, do seu impulso contínuo para ultrapassar-se a si mesmo, porque ele é também a sua origem, o seu princípio de ser.

O homem, portanto, para a sua realização, precisa no exercício da liberdade:

— abrir-se para a natureza exterior, para o mundo, para o universo, não numa atitude de dominação, mas numa atitude admirativa e construtiva;

— abrir-se para os outros homens, seus irmãos, numa atitude de serviço e de solidariedade;

— abrir-se para Deus, numa atitude de dependência, num contexto de Aliança.

A vocação do homem é uma vocação à abertura, à comunhão com o mundo, com os outros e com Deus. E o caminho da comunhão passa pela disponibilidade, atitude que sintetiza as outras acima citadas; atitude-resposta da pessoa humana às exigências inscritas no seu ser, exigências de comunhão.

Disponibilidade, atitude do cristão

O homem, ser-no-mundo, de algum modo se eleva acima dele, como alguém sempre à procura do transcendente. Cresce cada vez mais em nossa época a consciência de que ser pessoa significa abertura em ordem à relação com os outros. Ora, o cristianismo nos diz que é por causa da presença de Deus que o homem está verdadeiramente aberto à comunhão humana e à realização pessoal. Encontra-se a si mesmo, perdendo-se e superando-se n'Aquela que é a sua vida, a sua razão de ser:

— Quem conservar a sua vida, perdê-la-á; e quem, por amor de mim, perder a vida, a encontrará [Mt 10,37].

O mistério do homem baseia-se na sua relação com Deus, onde lhe é possível divisar a profundidade de sua humanidade, encontrar o sentido de tudo, libertar-se de si mesmo e do que lhe limita a existência. A palavra livre de Deus chama o homem livre e consciente a uma participação em sua realidade viva. Assim interpelado, o homem é pessoa, porque se encontra diante de Deus como pessoa. Sua resposta de amor e doação ao chamado criativo inicia um encontro dinâmico com o Senhor, que se deixa encontrar cada vez mais intensamente, com uma face sempre nova e numa oferta sempre crescente de comunhão de vida.

Ao homem cabe apenas abrir-se para Deus, acolher o seu dom, e viver em conformidade com ele. Este acolhimento ao dom de Deus é o que chamamos Fé — atitude que dinami-

za a capacidade humana de receber, de agir e finalmente de realizar-se numa vitória completa em Deus. A fé provém, pois, da graça interior e da disponibilidade do homem que, consciente de sua indigência se abre à generosidade divina, para receber o dom de Deus, através de Jesus Cristo. Conforme feliz comparação de Frei Carlos Josafá, "o homem, pelas suas possibilidades e aspirações, é como um ângulo aberto para o infinito. Crer significará inicialmente abrir e prolongar este ângulo para o Alto, numa docilidade à Luz, à Santidade e à Vida, tais como Deus no-las quer dar" (3).

A fé exige como preparação uma atitude de disponibilidade, de pobreza espiritual, um vazio interior, uma sede do Absoluto:

— Se alguém tiver sede, venha a mim e beba [Jo 7,37].

Eis porque os fariseus não podem crer [Jo 5,44]: estão cheios de si mesmos, contentes com a própria perfeição, orgulhosos de suas boas obras, de seus jejuns e esmolas. Jesus constantemente denuncia esta falta de receptividade e exige dos que o seguem opção em relação à sua Pessoa e inteira disponibilidade a acolher a revelação com suas surpresas e imprevistos, pois Deus ultrapassa nossos cálculos e esquemas e os seus caminhos não são os nossos caminhos nem os seus pensamentos os nossos pensamentos [Is 55,8].

"Quereis vós também ir? Senhor, a quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna" [Jo 6,68]. Só assim, abandonando-se a si próprio numa confiança absoluta, sem im-

por condições nem limites, o homem se encontra em Deus, pela mediação de Jesus Cristo, o Homem totalmente disponível nas mãos de Deus. Apagando-se diante do Pai, vazio de si mesmo [Jo 4,34; 5,30; 6,38], busca unicamente a vontade daquele que o enviou, certo de ser por ele atendido.

Disponibilidade Serviçal, eis a vocação de Jesus (4). Vivendo para o Pai, o Primogênito de todas as criaturas mostra aos homens de todos os tempos que a vida humana em plenitude é aquela que é vivida na disponibilidade para Deus, para os seus desígnios de amor. É por isso que ele, proclama felizes os que a seu exemplo assumem a disponibilidade amorosa e serviçal, como atitude fundamental de vida [Mt 5,3-10].

Sua Mãe é a primeira bem-aventurada, porque viveu esta disponibilidade em todos os seus aspectos, exigências, riscos e imprevistos. Sua atitude é de pura receptividade ativa, de uma fé que desabrocha através da meditação contínua sobre o mistério de seu Filho; de uma esperança pronta, respeitosa e audaz. Maria é alguém que acolhe tudo o que Deus diz, mas que não deixa de procurar compreender cada vez melhor o sentido pleno dos desígnios divinos. “Abrir-se ao mistério de Deus com a consciência de ser inteiramente a “propriedade” de Deus — eis o mistério de Maria” (5).

Os apóstolos, deixando tudo [Mt 4,18-22 e 19,27], encarnam no dia-a-dia a lição do Mestre sobre a

disponibilidade, na confiança absoluta de sua presença junto deles: “Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” [Mt 28,20].

E os homens de todos os tempos são chamados em Cristo a realizar, na fé e na esperança, sua estrutura ontológica de **ser para**, à semelhança da Trindade, cuja razão íntima da existência está no relacionamento perfeito entre as Pessoas. Feliz em si mesmo, em sua vida íntima de relações pessoais, Deus realiza a obra da criação, fruto do amor mútuo das pessoas divinas. Esta criação, da qual o homem é parte integrante e transcendente, dirige-lhe um apelo para que com ela dialogue, levando-a à plenitude de sua filiação, de sua libertação e de sua glória [Rom 8,18-22]. Trata-se de apelo a um diálogo, de reciprocidade no dom, de assunção, e não de posse, de dominação, de absorção.

Segundo o Gênesis, o homem foi criado para **denominar** as coisas, isto é, para estabelecer um diálogo com elas e orientá-las para Deus, conforme sua aspiração ôntica. A tarefa do homem é descobrir o Deus presente na realidade, comungar com ele nesta realidade. Todo o universo tem caráter sacramental. Cristo dirige-se ao Pai e fala do Pai aos homens, através das coisas criadas. Francisco de Assis reconhece o vínculo de fraternidade existente entre ele e a natureza: meu irmão sol, minha irmã lua, meu irmão lobo, etc. E por isso se une a todas as criaturas para louvar e bendizer o Senhor.

O homem contribui para orientar a natureza para Deus e esta o ajuda a voltar-se para o seu Criador, na dependência de sua disponibilidade:

— para acolher o Deus presente na natureza;

— para responder ao seu apelo de libertação;

— para realizar a missão que lhe cabe de construtor do mundo e da história.

O cristianismo, longe de arrancar o homem vivo à natureza, apresenta-lhe Cristo, em quem se realiza a Aliança do Pai com a humanidade e com todo o universo. Sua morte e ressurreição trazem para o mundo o embrião de um futuro grandioso. E o homem, chamado em Cristo a colaborar na eclosão do mundo novo, assume a dinâmica pascal, quando se insere na dinâmica da História, salva na esperança pela ressurreição de Cristo.

Esta inserção reclama uma fé ampliada pela esperança no cumprimento das promessas. **“A fé que mais aprecio — diz Deus — é a esperança”** (Péguy). Esperança é a virtude dos que estão a caminho, é o dinamismo íntimo da fé e do amor. A fé dinamizada pela esperança leva-nos simultaneamente à ação de graças pelas manifestações de Deus no passado e a descoberta no presente dos indícios de sua presença salvífica (“sinais dos tempos”, segundo o Concílio); à abertura às intervenções futuras de Deus incluindo a realiza-

ção final e à atenção ao que ele nos pede, no momento atual.

Fé e Esperança não podem ser separadas da disponibilidade em colocar-se a caminho, em receber a Palavra e atuá-la, nos tempos de agora, tempos de transição.

Progresso, futuro, esperança são temas desenvolvidos, desde algum tempo, por muitos autores que consideram o mundo como algo destinado a mudar, como matéria de onde surgirá um futuro melhor. Há, entretanto, a constatação de realidades duras, de problemas novos nascidos de esperanças ilusórias que deram origem à ansiedade e à angústia do homem moderno. Como resposta à mudança de cosmovisão, de interpretação da realidade e como resposta à angústia existencial de nossos tempos, a teologia redescobre a esperança que se torna, nesta última década, um dos seus temas centrais.

Os homens de hoje devem também redescobrir a esperança em sua vida e no mundo; e os cristãos, a sua missão de promotores da esperança, da alegria e da paz. Esta missão exige abertura e entrega confiante a Jesus Cristo que caminha com os seus, entre as obscuridades e os riscos inerentes a um tempo de incertezas. É ele que nos impele a procurar os caminhos do Pai para a nossa época.

**A COMUNHÃO
COM A NOSSA
ÉPOCA
DEVE IR ATÉ A
PROFUNDIDADE
DE COMUNHÃO
À PALAVRA
DE DEUS
NA NOSSA
REALIDADE**

A esperança que tem por objeto “o novo céu e a nova terra” constitui motivo imperioso para um empenho comum na construção do mundo, na transformação da sociedade, em conformidade com o desígnio amoroso de Deus: — a perfeita fraternidade. E é justamente o amor encerrado na esperança a maior força existente de transformação em vista da fraternidade, porque sua inclinação profunda é valorizar o outro, elevando-o à comunhão de toda espécie de bem, suprimindo os desníveis causados pela injustiça, pelo orgulho, pela indisponibilidade.

Este amor ou caridade, termo da fé dinamizada pela esperança, é contemplação amorosa de Deus e também serviço humilde e eficaz dedicação aos homens. A frase joânica **“também nós devemos dar a vida por nossos irmãos”** significa a possibilidade de um cristão excepcionalmente ser chamado a um martírio sangrento, em benefício dos irmãos, bem como a necessidade da doação quotidiana, na disponibilidade de procurar a felicidade daqueles que o cercam, colocando a seu serviço o que é e o que tem.

Cristo, o “Servo de Deus e dos homens” precedeu-nos no caminho da disponibilidade, fazendo de sua vida contínua doação ao Pai e aos homens, seus irmãos. Mergulhados em sua morte e ressurreição pelo batismo [Rom 6,4-5], os cristãos com o olhar fixo nele — autor e consumidor de nossa fé [Heb 12,1] — sob o impulso dos dons do Espírito Santo, procuram viver a disponibilidade, na abertura ao Pai e aos irmãos, em vista da comunhão que se manifestará plenamente na Ressurreição final.

Disponibilidade radical característica do religioso

A disponibilidade, atitude do cristão, é a disponibilidade natural do homem dinamizada pela fé, esperança e caridade. A fé a exige como preparação e em seu exercício. A esperança a sustém, para lançar-se num futuro desconhecido, acolhendo a novidade que o Espírito suscitar. A caridade dela necessita, no serviço e dedicação aos irmãos.

Na vida religiosa, a disponibilidade assume um caráter de radicalidade e a tal ponto a caracteriza que Pierre Babin numa apresentação dos diversos estados de vida, não hesitou em chamar os religiosos e religiosas “homens e mulheres disponíveis ao Espírito”. “Vencidos pelo amor do Senhor, escolheram a vida organizada para uma total disponibilidade à pessoa do Senhor” (6), disponibilidade que os situa no próprio dinamismo do Espírito.

Valor primeiro sobre o qual devemos centrar nossa vida, a disponibilidade é antes de tudo “uma faculdade de abertura para a acolhida dos apelos do Espírito Santo, hoje, em determinado meio” (7). **“Na busca da caridade perfeita que guia vossa existência, que outra atitude vos caberia senão a de disponibilidade total ao Espírito Santo que atuando na Igreja, vos chama à liberdade dos Filhos de Deus”?** (8).

A vida religiosa deve ser em nosso mundo fermento desta disponibilidade radical aos apelos do Espírito. E só o será na medida em que formos pobres, no sentido bíblico, vivendo o essencial de nossa profissão reli-

giosa — “o dom total de nós mesmos ao Senhor, tendo em vista realizar sua vontade em plenitude, em comunhão com os irmãos” (9).

Depois de tentativas de adaptação, de capítulos especiais de renovação, percebe-se muitas vezes que falta algo essencial. Foi adotado um estilo de vida mais fácil, mais de acordo com as exigências físicas e psíquicas dos membros; caíram por terra barreiras de separação do mundo circundante, etc. Entretanto, defecções, decepções, rotinas, acédia continuam.

Por que?

Concordamos na necessidade urgente da renovação de aspectos acidentais, pois são também importantes. Seríamos infiéis ao Espírito Santo se continuássemos a adotar determinado estilo de vida que nos afastava muito dos contemporâneos e neles despertava compaixão, julgando-nos “pobres vítimas consagradas ao sofrimento”. O erro está em deter-nos apenas nestes aspectos, não os considerando a serviço de um valor mais alto — a total disponibilidade para Deus.

É louvável o esforço para uma vida mais simples e aberta, mais saudável e sem tensões desnecessárias, para que possamos tornar-nos sempre mais disponíveis a Deus e a nossos irmãos. Mas, se tais adaptações em vez de libertar, fecham-nos mais em nós mesmos, levando-nos à busca do conforto pelo conforto, a uma idolatria da realização pessoal, então há falha no essencial e não foi atingido o objetivo primordial da

renovação pedida pela Igreja aos religiosos.

Para ser fermento da disponibilidade radical aos apelos do Espírito Santo, o religioso tem de estar atento para discerni-los, no seio deste mundo, dentro e através dos acontecimentos ou situações históricas, num diálogo fraterno com as outras forças vivas da Igreja. A comunhão com a nossa época deve ir até a esta profundidade de comunhão à Palavra de Deus, na nossa realidade.

Os votos religiosos, meios de disponibilidade ao Espírito Santo, de intensificação da vida teologal, numa perspectiva dinâmica de libertação incluem as chamadas “virtudes escatológicas”, assim catalogadas por Bernhard Häring: Gratidão, Disponibilidade para mudar, atenção vigilante ou “esperança em ação de graças e esperança atenta às oportunidades presentes, à vista do Senhor, no momento atual e na sua vinda final” (10).

A esperança, no sentido bíblico como modo de se viver a totalidade do cristianismo, integra todas as virtudes, inclusive a fé e o amor, dada à situação de peregrinos em que nos encontramos. Os votos devem ser vividos nessa esperança em ação de graças e nessa esperança sempre atenta ao Senhor ativamente presente no provisório de hoje em vista do amanhã definitivo.

Celibato pelo Reino dos Céus, Pobreza Evangélica, Obediência à semelhança de Cristo, são dons da liberalidade divina concedidos aos que a eles se abrem, numa atitude de humilde reconhecimento. Tal atitude vivida em profundidade leva os

religiosos à ação de graças em todas as situações, ao louvor de Deus por todas as coisas, à alegria íntima e profunda, à prontidão para mudar, à atenção ao momento presente, etc.

Seria bom que de quando em vez considerássemos, à luz da Palavra de Deus, os sinais e contra-sinais dessa disponibilidade radical, em

nossa vida religiosa e comunitária, para permanecermos numa atitude de conversão e reforma contínuas, de despojamento de tudo o que de algum modo cerceia nossa liberdade de amar e servir desinteressadamente.

A título de ilustração, citaremos alguns destes sinais e contra-sinais.

SINAIS:

— Permanência vigilante na vida de oração e de serviço aos irmãos.

— Alegria profunda, transbordante e espontânea, proveniente da união íntima com Cristo.

— Ação de graças e louvor incessantes que libertam da amargura, da ira e das inevitáveis frustrações.

— Otimismo baseado na confiança em Cristo, em quem assumem novo sentido as lutas diárias, as dificuldades, as contradições, os fracassos, etc.

— Preocupação pela conversão pessoal e esforço em contribuir na reforma das estruturas para uma vida religiosa autêntica.

— Paciência, assumindo as próprias limitações e faltas e as da comunidade, com confiança no poder misericordioso de Deus.

— Abertura à comunidade, colocando em comum sua capacidade e suas coisas, e sabendo acolher a capacidade e os dons dos outros.

— Diálogo para mútua comunicação de experiências e enriquecimento, para correção fraterna e encorajamento, para melhor resolver as dificuldades e descobrir os apelos de Deus.

— Protesto profético contra o que em nós, em nossas comunidades, na Igreja e na sociedade não corresponde à disponibilidade.

— Presença nos bairros pobres, favelas, cortiços, etc., num esforço em criar condições mais humanas de vida para os nossos irmãos.

— Prontidão para mudar em vista de melhor serviço, sem amarguras saudosistas e sem precipitações adolescentes, mas no desejo de fidelidade ao Senhor, no momento histórico.

— Fé dinâmica como disponibilidade a olhar o futuro, a fim de aceitar novas experiências e ter coragem de arriscar-se com humildade e confiança no Senhor da História.

— Atenção ao presente, nele descobrindo o dinamismo que leva à

realização final e o convite ao louvor de Deus e ao serviço dos irmãos, mesmo nas oportunidades diárias mais insignificantes.

— Consciência da provisoriedade das soluções encontradas hoje, evitando repetição de fórmulas diante dos desafios de um mundo em aceleradas mutações.

C O N T R A - S I N A I S

— Excessiva confiança em si mesmo que leva a correr riscos em matérias importantes, sem suficiente conhecimento da situação, sem oração e isoladamente.

— Auto-satisfação pelas próprias realizações.

— Apego a determinada atividade que impede que a deixemos para responder a outras exigências de Deus.

— Desânimo nos fracassos, nas dificuldades e crises.

— Críticas sem iniciativas de renovação, apenas fúteis lamentações.

— Dureza, severidade, rigorismo para com os faltosos, principalmente os menos aquinhoados.

— Estruturas rígidas, fruto talvez de uma suspeita institucionalizada, expressa em controle excessivo.

— Apego a posições adquiridas, a falsas seguranças com suas conseqüências de imobilismo, pessimismo, etc.

Aí estão apenas alguns dos sinais e contra-sinais da disponibilidade em nossa vida. Cada um pessoalmente e em comunidade descobrirá

outros, talvez mais importantes. Urge uma revisão de vida que nos faça pesar, constatar o que temos sido e o que Deus espera que sejamos. Urge que dialoguemos com a disponibilidade radical, característica da vida que abraçamos. Urge que sejamos verdadeiramente fermento desta disponibilidade no mundo, para que nele reine a alegria, a paz e a esperança do Senhor Jesus. Urge, enquanto estamos a caminho, mantermos em contínua vigilância à espera do Senhor que veio, que vem e que virá e procurar, na oração, entrar em contato com a fonte da disponibilidade — Jesus Cristo, nosso Irmão, que

“Sendo Deus, não teve apego à sua glória.

Sendo Servo de todos proclamava:

“Não me agrada ser servido, mas servir,

E pela vossa salvação darei a vida”! [Fil 2,7 e Mt 20,28] (11).

- (1) — Jean Mouroux, **Vocação Cristã do homem**, Flamboyant, S. Paulo 1961, pág. 107.
- (2) — Michel Schmaus, **Da essência do Cristianismo**, s/d, pág. 90.
- (3) — Carlos Josaphat, **O Evangelho da Unidade e do Amor**, Duas Cidades, S. Paulo 1966, pág. 190.
- (4) — Vários autores, **O Novo Catecismo**, Herder, São Paulo 1969, pág. 149.
- (5) — Schillebeeckx, **Maria, Mãe da Redenção**, Vozes, 68, pág. 26.
- (6) — Pierre Babin, **Vocação** (fichário), Vozes, 70, Catequese 11, págs. 245 e 247.
- (7) — J.M.R. Tillard, **Religiosos hoje**, Edição Loyola, S. Paulo, 70, pág. 147).
- (8) — Paulo VI, **Evangelica Testificatio**, n.º 6.
- (9) — Tillard, obra citada, pág. 13.
- (10) — Bernhard Haring, **Apesar de tudo esperamos**, Coleção Poliedro, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1972, págs. 199-225.
- (11) — cf. 2.ª estrofe do canto "Vamos Servir" da Campanha da Fraternidade de 1972.

Além destas, outras fontes de consulta como: **Concilium**, n.º 59, 1970.

REB, março de 71; **Terra dos Jovens** de D. Ambrósio, Vozes, 69;

Os Religiosos no Senhor e na Igreja, R. Roxo, Herder, 69;

O Senhor e A História, R.M. Roxo, Vozes, 69; **O Compromisso da Fé**, E. Mounier, Duas Cidades, 71;

Maior Esperança, José Comblin, Vozes, 70.

Este trabalho é testemunho de uma experiência que a autora e outras co-irmãs vivem entre os pobres. É a descoberta do Reino, do Cristo, nos menos favorecidos, onde as chances humanas são muito limitadas. Por ser o depoimento de uma experiência evangélica, serve como questionamento sério para todos os religiosos e religiosas, para nós que professamos servir os homens, concretamente, como Cristo.

VIDA RELIGIOSA ENTRE OS POBRES

Quem são os pobres e onde estão eles?

Já ambigüidade nesta expressão.
Ambigüidade quanto aos motivos;
ambigüidade quanto aos meios;
ambigüidade quanto às pessoas.
Quem está presente?
Presente a quem?
Como?
Quem deve ser evangelizado?
E o que se entende por pobre?
Onde encontrá-los?

ELISABETH MOREAUX

Se pobre for quem vive à margem da classe econômica média cuja situação já precária, parece piorar dia-a-dia, pode-se dizer então que em nosso país o pobre constitui uma imensa classe, a grande maioria. De 60 a 70 por cento.

Entre estes pobres, é preciso focar, em primeiro lugar, os camponeses isolados nas matas, ou nas pequenas cidades do interior, separados do mundo e da civilização, despojados de recursos. É preciso focar aqueles que no Nordeste morrem não só de subnutrição, mas de fome mesmo.

Há ainda pobres, aparentemente mais marginalizados, em certo sentido, porque vivem frente à frente com a riqueza. O contraste torna-se mais violento. São os moradores das favelas. E um pouco mais longe, os ex-favelados.

Raras são as horas em que, a gente os encontra dormindo ou em busca de um derivativo na birosca, na macumba ou, o que é melhor, no bloco de samba ou no futebol. A gente os encontra com certeza nas longas filas à espera da condução ou amontoados no interior dos ônibus. Ou ainda isolados no espaço nos andaimes das construções, lavando automóveis, guardando bancos ou residências; garis nas ruas, coletando o lixo, empacotadores, vendedores, serventes, faxineiros, num ritmo que acelera implacavelmente como o tráfego das grandes metrópoles. Mão-de-obra anônima, sem capacitação profissional, sem garantia, salário irrisório, com frequente desemprego nas grandes e pequenas indústrias, onde nada lhes pertence nem se prevê que possam ter um ouvido a lhes escutar. A gente os encontrará sempre naqueles lugares que não são próprios, mas dos outros.

Marginalizados ainda, embora possam parecer integrados nas famílias, são os empregados domésticos, resultado do êxodo rural. Sem carteira de trabalho, com previdência social facultativa no INPS, a angústia de não saber onde dormir se perder o emprego.

Há mais pobres ainda. São agora os migrantes, passageiros de segunda classe, de conduções de interminá-

veis dias de viagem. Deixam o Nordeste em busca do Sul. Não deixam nada. Esperam tudo.

E a Igreja está presente?

A premente necessidade de evangelização parece supor.

Se **estar presente** se entende estar ali, do outro lado da barreira, então a resposta é: SIM. Há igrejas. Há padres que celebram a missa e ministram — recebendo uma oferta — os sacramentos. Nunca faltam catequese e pregação. Há obras que fazem assistência. Há corações bondosos que têm misericórdia. Devotos que sonham; professores que ensinam. Não se trata pois de atirar pedras. Tudo ali foi feito com grande generosidade, a custo de ingentes sacrifícios, a custo da própria vida mesmo.

Percebemos agora que este paternalismo mantém uma situação de assistidos. Não permite um verdadeiro desenvolvimento e, parece de um modo geral, que serve aos interesses dos ricos. **Todavia à vista da generosidade do amor de muitos benfeitores, se fez uma experiência fundamental na vida.** Mas será insuficiente e paralizante se ficar nisto. O amor foi semelhante ao amor com que u'a mãe ama seus filhos nos anos de infância. Mas vamos nos julgar sempre crianças, apesar das aparências? Seja como for, não pode ficar assim. Há situações de angústia provisórias que pedem recursos provisórios. Há situações permanentes, porém, que têm causas permanentes e que, somente se resolveriam aparentemente, se se não modificar as estruturas que as engendram.

Quem deve estar presente?

Cristo esteve presente em Nazaré, presente entre os seus compatriotas, entre os publicanos, os doentes, os fariseus para os questionar. E está presente entre nós. E estará presente entre os homens de todos os tempos.

Que quer dizer isto? Quer dizer que ele está entre nós e que o destino da humanidade é o seu destino. E o seu é o nosso. Fundamentalmente é isto.

Em sua existência histórica (e nós somos históricos em nosso tempo) ele estava completamente engajado no contexto da vida. Ele participou das condições da vida e do trabalho dos homens de seu tempo. Falou uma linguagem de dor, de alegria, de esperança. Engajou-se no esforço de transformação pelo qual a humanidade faz a sua história. Quis uma humanidade tal como o Pai quer: à sua imagem e semelhança. Uma humanidade que se transforma pelo esforço constante na construção de um mundo fraterno, numa comunidade de amor de todos os homens plenamente realizados. Homem algum pode se realizar fora desta perspectiva. Desde o princípio da criação até a plenitude da ressurreição, todos os homens existem no Filho.

Assim, também em sua existência histórica, Cristo não retira sua presença íntima de ninguém. Concretamente ele está sempre ao lado dos deserdados da vida, dos desprezados da **sociedade**.

Não é a introdução progressiva de certas leis e a fidelidade a elas — nelas fomos educados — que nos tolhem hoje estarmos presentes a

nossos irmãos? Leis que consagram uma situação de privilégios. Certos cânones do Direito dos Religiosos e certas regras de Ordens e Congregações não visam realmente assegurar e garantir uma situação sem a qual se poderia correr um risco? Elas existem mais para salvaguardar uma tranquilidade do que para tornar os religiosos disponíveis às necessidades dos irmãos, os homens? Precisamos rever as garantias do futuro, o tipo de tratamento de saúde, as roupas, a clausura, a regularidade... Estamos mesmo conscientes desta situação de privilégios? Cristo nasceu entre os simples.

O caminho natural que fez com que o poder esteja com aqueles que têm dinheiro apareceu também na Igreja. Pouco a pouco, o papel de ensinar, a função de dirigir (mesmo entre os leigos) nas paróquias, seja nas grandes cidades, seja nas cidades do interior, passou às mãos daqueles que são instruídos, porque têm os meios de instruir.

Mas justamente a evangelização não pode estar em mãos de ninguém. Ela tem sempre o seu ponto de par-

tida, de crescimento e de esplendor no outro. Porque é "semente do Verbo", que está em cada um, porque é crescimento de amor que um grupo realiza, é a liberação e o amadurecimento da consciência e da fraternidade de um povo.

A Igreja, isto é, a comunidade cristã que pode explicar a história pela Revelação, poderá fazê-lo realmente se aliada às classes privilegiadas? Não poderá ter a consciência da história de hoje, se não estiver engajada no esforço de transformação, de um mundo de condições injustas em um mundo de condições mais justas; de situações de egoísmo em situação de maior fraternidade.

É claro que os riscos são também chamados ao Reino. "Nada é impossível para Deus," respondeu Jesus à questão que inquietava os apóstolos. Mas "é tão difícil para eles como um camelo passar pelo fundo de uma agulha." A Igreja está numa situação de riqueza. Terá sempre dificuldade de se referir aos pobres.

De fato, o Reino aparentemente se encontra mais frequentemente com os deserdados, deserdados dos privilégios de posse dos bens materiais, despojados de considerações honoríficas, de segurança de doutrina ou de observância moral Jesus diante do centurião romano. Pedro verificou, com surpresa, que o Espírito Santo descera sobre Cornélio e sobre toda a sua casa. "As prostitutas e os adúlteros vos precederão no Reino dos céus." A fraternidade na partilha de pão, as roupas, o sofrimento do prisioneiro,

daquele provado pela vida, encontra-se com mais frequência entre o povo e os "samaritanos" do que entre os ricos e afortunados na religião.

A Igreja tem necessidade de viver perto dos pobres para aí encontrar o Reino; para se sensibilizar a respeito dos valores do Reino. Ela lê e encontra estes valores nas Escrituras. Mas ela precisa experimentar para se convencer que a fisionomia do mundo está em contradição com a fisionomia do Reino.

Não somente o pobre, se acomoda com a situação, mas acaba pensando ser natural e acaba, com frequência, sendo conquistado para a mentalidade daqueles que os dominam, reproduzindo seus modos comportamentais. A procura de promoção se limita ao material. Torna-se dominador à medida que sobe fazendo outros dependentes de si. Torna-se então duas vezes vítima. Duplamente escravo.

Assim devem ser as exigências de uma presença autêntica no meio dos pobres. Que seria desta presença se não fosse fraterna? Sem uma fraternidade real, ela seria distância. A expressão viver como irmãos exige, de fato, uma situação de participação concreta.

A vocação religiosa que é apelo e decisão para uma condição existencial em vista a uma fraternidade absoluta e universal, está particularmente próxima, vizinha desta presença. Quando um grupo de homens se preocupa normalmente em promover progressivamente todos os seus irmãos através da família e de outros agrupamentos de amizade, o religioso reconhecerá o direito ab-

**SE NÃO SE ESTÁ PRESENTE FISICAMENTE
O RESTO PARA NADA SERVE.
IR AOS POBRES PORQUE SE AMA A DEUS
OU PORQUE OS POBRES SÃO CAMINHOS
PARA ELE,
É REDUZIR DEUS OU A PESSOA DO OUTRO
A INSTRUMENTO.**

soluto do povo sobre ele e seu compromisso primordial com o povo. Toda a sua vida se decide em função do direito que todos os homens tem a uma fraternidade mais imediata e visível de sua parte. Sua consagração antecipou, para poder servir com mais disponibilidade, a hora em que todos, de todas as raças, tribos e povos serão um.

Uma comunidade de religiosos, uma congregação, não pode ser outra coisa que o encontro daqueles que obedecem a Cristo, isto é, ao projeto: todos em um e que se caracteriza por este pertencer ao outro. Esta propriedade talvez não seja necessariamente como a generosidade com que os filhos pertencem aos pais, porém, certamente com uma forma muito mais radical. A comunidade não se compara com uma família? E a organização do grupo pode prevalecer sobre a evangelização? As prioridades não estão invertidas? É preciso comunicar as maravilhas reveladas por Deus entre os pobres e os pagãos, como faziam os apóstolos no retorno de suas missões. Precisamos mutuamente nos ajudar a descobri-las, a compreen-

der sua linguagem, a nos qualificar para melhor servir.

E o que encontramos entre os religiosos? Nossos momentos de reunião são a celebração do reino que vimos crescer? São contestação de nossos compromettimentos com a injustiça da sociedade e conversão sincera, segundo o Evangelho, para nos fazer "samaritanos", como o Cristo?

Mais do que quaisquer outros cristãos, a presença dos religiosos entre os homens marginalizados deve ser o normal. Se a Igreja precisa se apresentar como sinal de universalidade, precisa estar ao lado daqueles — a maioria — que a sociedade excluiu. É tarefa dos religiosos dar este testemunho de Igreja. Através dos séculos, não foi sempre a problemática dos pobres que gerou as diversas ordens e congregações? São Vicente de Paulo — e outros teriam sido capazes de se fazer entender aos ricos, se não tivessem carregado nos pulsos as algemas dos prisioneiros e levado em seus braços esqueletos de crianças moribundas e abandonadas?

Quais seriam, então, as condições desta presença no meio dos marginalizados do mundo?

A primeira e definitiva é estar fisicamente presente lá para amá-los. O amor tem inventiva e é crítico, o amor que nos fará descobrir o que fazer e como fazê-lo.

Por que Deus criou o homem? Por que se fez homem? Para que seu coração e seus pensamentos estivessem cheios do homem, cheios de humanidade. "Eu te amei com um amor eterno," diz Isaías.

Se não se dá esta condição — estar fisicamente presente — o resto para nada serve. Ir aos pobres porque se ama a Deus ou porque os pobres são caminho que nos levam a ele, em muitos casos, é reduzir Deus ou a pessoa do outro, a instrumento. É preciso amar por amor. É assim que Deus ama. É assim que comunicaremos o amor que Deus tem aos homens. Amando os outros por amor, encontra-se a Deus, não obliquamente, mas porque há uma coincidência. Deus realmente se fez homem. A humanidade concreta que existe é homem-Deus em toda a sua extensão.

Amar o outro é querer eficazmente o seu bem, isto é, que ele seja homem, plenamente, integralmente, nas suas dimensões de autonomia, de dignidade, de liberdade, de responsabilidade, de capacidade comunitária para crer. É atividade criadora para a transformação do mundo. Que este mundo seja humano, seja expressão e esteja a serviço de uma sociedade fraterna e justa. Que progrida assim a etapa da ressurrei-

ção que lhe dará a sua plenitude derradeira e definitiva.

Que tudo isto se concretize pela convivência ou por um serviço profissional de enfermagem, ou pela medicina preventiva, ou pela educação para a higiene, ou pela capacitação profissional ou alfabetização afinal, pouco importa. Cada forma tem suas vantagens e suas desvantagens. Apresenta possibilidades e dificuldades. Tudo secundário em se comparando ao essencial, que é a atitude fundamental do educador autêntico que valoriza realmente o outro. Não o elimina por substituição pessoal, mas quer que ele chegue a ser. É a pedagogia de Deus.

Este verdadeiro crescimento está na linha do reino. Esta boa nova poderá ser revelada, pouco a pouco, com a linguagem em que se exprime a sabedoria popular, linguagem que é familiar ao evangelizador. Ele mesmo encontrará nas palavras simples da vida cotidiana um aspecto salvífico e novo da Revelação.

O anúncio de Jesus Cristo não pode ser tarefa de uma só pessoa, seja padre ou religioso. É tarefa e missão de um povo inteiro, de um grupo, de uma comunidade. É preciso que os homens tenham a possibilidade de viver esta experiência de fé com os irmãos cristãos que se perguntam, como eles, a respeito de Jesus Cristo, a respeito do mundo, a respeito dos dois que se fazem uma só coisa, sem pretender jamais buscar soluções pré-fabricadas com-

pletamente. É só em comunidade, com os outros, cristãos ou não, que se participa de uma obra libertadora dos homens.

Se Jesus Cristo tem sentido só após Moisés e os profetas, o evangelizador que se coloca a serviço de uma comunidade humana, deve se situar, desde o começo, como simples participante desta comunidade em marcha. É enorme a tentação de prestar mais atenção à linguagem religiosa do que à linguagem da vida e de engajar imediatamente no diálogo sem verificar se as exigências e a expressão corrente têm utilidade para eles e são portadoras dos valores reais do Reino.

Assim, para cooperar realmente no bem, é preciso, como ponto de partida, saber observar, saber escutar, a fim de sentir a situação. Caso contrário, nosso esforço ficará à margem da vida.

Ver a realidade supõe:

Primeiro: desejo de vê-la.

Segundo: Vê-la como é, em suas dimensões essenciais.

Terceiro: Capacidade para analisá-la.

A vida é uma realidade dinâmica. É um processo. É movimento e transformação constante.

Ter uma visão global. Há uma maneira de fotografar as coisas que as isola no contexto. Os acontecimentos e as situações de um lugar, podem ter, e têm realmente, com frequência, causas externas. A rea-

lidade é global. Não só é necessário perceber seu dinamismo, discernir o começo, o fim e a seqüência, mas ainda, constantemente procurar as causas mais gerais e os impasses locais.

Ver que a realidade é orgânica. Há sempre uma integração entre as partes.

Somente uma análise séria da realidade, permitirá interpretar corretamente. Caso contrário, corre-se o risco de uma ação contrária ao bem. E será somente a partir de uma interpretação correta que o sentido da fé poderá se revelar ao evangelizador. Se

sua ação e a evolução do grupo se desviaram da fidelidade ao homem e ao seu desenvolvimento integral, elas contradizem a Revelação. E então, a mensagem está falsificada. Vai encorajar situações opostas ao Reino. As imagens de um Deus providência mágica ou poder esmagador são aliadas de um modo de viver e de determinado tipo de ação. A purificação da fé se dá pela correspondência do homem a sua vocação de existir **para ser** mais autônomo, mais responsável, mais comunitário.

Ver é importante. Mais importante, porém, ainda deixar que os outros vejam por si mesmos. Não forçar. Não impor. São eles que precisam descobrir. Na percepção dos problemas, percepção de conjunto, no esforço comum para resolver, no diálogo para reflexão, o educador não pode pretender saber tudo.

Encontraremos no final o ponto de partida: o encontro cotidiano,

respeitoso, no esforço de aproximação, de compreensão, de promoção, estabelecido, pouco a pouco, em comum. E esta comunhão modifica nosso comportamento, nossas maneiras de ser e de sentir que estavam longe deles. Nossa mentalidade se abre e se areja. No começo não se sabia como fazer. Aos poucos se descobre. Tornamo-nos mais concreta e realmente irmãos. Graças a eles, a salvação chegou também para nós, pois a plenitude da salvação é uma fraternidade universal e absoluta.

Uma conversão diária ao respeito, uma atenção para descobrir e estimar os valores presentes — capacidades patentes ou latentes — é o que nos permitirá caminhar e avançar. Não se ama verdadeiramente no primeiro contato. É uma nossa imperfeição e limitação. O amor universal é uma história ainda por escrever. A fé garante, porém, esta esperança.

Conclusão: E então? Como fazer?

É esta raiz de pecado, este secreto desprezo dos outros, que torna tão laboriosa e difícil a aproximação de nossos irmãos. A indiferença e a antipatia, como também a compaixão, são formas de desprezo.

Não podemos simplesmente nos emprestar. A consagração religiosa é antecipação da situação final numa forma concreta de vida que desposa um povo inteiro. É um engajamento cujo esforço constante contra a corrente de uma sociedade que marginaliza massas inteiras.

Não há receita, mas evolução nesta história. Diferentes todos somos. Cada homem é original. Marcado pelo contexto onde vive, pela educação, pelo trabalho, pelos contatos, pelos relacionamentos. Mas se esforça cada dia para dizer com mais veracidade: meu irmão. Com o passar do tempo, as opções e os gestos concretos vão nos fazendo realmente irmãos.

Pouco a pouco, é um povo livre que marcha, como um dia Israel ao sair do Egito; como Jesus e seus discípulos se libertaram do legalismo dos fariseus; como as primeiras comunidades cristãs do mundo subjugado pelo dinheiro. Será sempre livre, seja marchando penitentemente pelo deserto, seja alvo de contradições por causa da Cruz ou escondido nas catacumbas. Num povo que crê no futuro do homem como Deus o quis presente já incluídos todos aqueles, cristãos ou não, que dão a vida para que seja assim. Pressentirá igualmente, de forma mais ou menos confusa, a multidão de marginalizados do mundo.

Esta libertação pode fazer brotar a esperança da libertação daqueles que ainda não são livres nem sonham em libertação. Pode provocar também nos privilegiados da vida uma tomada de consciência sobre a alienação profunda em que estão. Não há pior alienação do que aquela que coincide com as estruturas ou mentalidades que esmagam os homens, nascidos irmãos, pois toda a humanidade, no pensamento de Deus, são filhos de seu Filho.

É um testemunho que está sendo exigido. Mas testemunhar é manifestar a fé e não se apresentar como

modelo. Conheço bem as dificuldades e minhas infidelidades cotidianas nesta marcha que gostaria de encetar com meus irmãos. Creio também que este é o caminho da salvação, para eles, para nós, para todo o mundo.

Testemunhar é ainda dizer aquilo que se viu. Conheço várias religiosas que, de maneira diversa, procuram e descobrem e vivem esta presença entre o povo. Ainda uma vez, não há receitas, mas somente uma auto-crítica constante e uma revisão das comunidades evangelizadoras.

Recentemente estas religiosas formaram pequenas comunidades de 4, 3 e dois membros. Pode ser que chegue o momento em que a necessidade de evangelizar obrigue que seja uma só. O estilo de vida varia em cada uma destas pequenas comunidades. A lógica no amor elimina tudo aquilo que, perceptível ou não externamente, contradiz uma possibilidade de promoção do povo ou de estar a seu serviço. Há uma coerência que nos deve levar a recusar os meios ricos de vida e de ação, mesmo quando oferecidos gratuitamente. Nos casos de dúvida, o critério ajudará a resolver e a evangelizar. Com frequência o trabalho é uma exigência e uma condição. A falta de recursos financeiros de uma congregação foi uma bênção, um despertar para sua renovação e para a volta às suas origens. Se o trabalho é uma exigência, profissões diferentes ou semelhantes aquelas do meio pobre? A opção depende das situações, das perspectivas, das possibilidades. Mas é contraditório exercer uma profissão que prejudica o povo.

É importante ser perspicaz e saber discernir entre todas as coisas, aquilo que se apresenta melhor a favor do desenvolvimento, aquilo que visa ou não o desenvolvimento integral do homem. A coerência e a honestidade nos levarão a recusar ou abandonar a colaboração que percebemos oposta à promoção ou que a retarda.

A ação torna-se, pouco a pouco, institucional e sempre mais discreta, seja porque as primeiras necessidades foram resolvidas, seja porque a se descobriu a preferência por organizações que são do povo, criadas por ele. Convence-se, afinal, que é mais promocional um esforço vindo deles, embora mais laborioso, do que um impulso imediatamente mais eficaz, de nossa parte.

Se somos estrangeiros, precisamos saber, como João Batista, que há outros, e maiores, do que nós, que nasceram entre eles, que estão no meio deles. Nossa tarefa é preparar este aparecimento e nos retirar na hora certa, o que não quer dizer desengajar. Pense-se como terminou João Batista. Nossa alegria será saber que o crescimento do Reino coincide com o crescimento de Cristo entre eles e em nosso desaparecimento.

Testemunhar pode significar uma série de sofrimentos, de tristezas, de humilhações, que as condições da vida impõem aos pobres. Pode-se pensar em reagir ou assumir aquele, cujas entranhas gritam de fome ou

que é obsediado pelo fantasma do desemprego, pela chuva que ameaça seu barraco, pela cobrança dos credores. Testemunhar poderá ser também a sabedoria, as reações profundamente humanas e os gestos generosos e heróicos embora talvez até inconscientes, os movimentos ainda incipientes para a liberdade, as aspirações que começam a concretizar. "Eu te bendigo, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos e aos simples."

A participação nesta sua história, faz-nos penetrar existencialmente a Revelação, uma vez que ela tem um sentido profundo, vindo do Espírito para a consciência que o povo de Israel tinha dela. O engajamento na história e o aprofundamento da consciência que a acompanha são a condição para descobrir sempre mais profundamente o sentido da palavra à qual a fé nos permite confrontar com nossa vida.

Assim, o compromisso com o povo, com todos aqueles que a sociedade de consumo, de interesse e de privilégios elimina, é também fonte de luz para a fé, de escuta e de diálogo com Deus. É uma descoberta, por vezes, repentina e fulgurante, como igualmente foram reconhecidas inspiradas e reveladoras, muitas palavras do povo simples e hoje guardadas nos livros santos.

A Igreja não pode tardar em descobrir tudo isto para que sua vida e sua ação evangelizadora seja de todos reconhecida.

Estudo Sociográfico dos Religiosos e Religiosas na América Latina

CAPÍTULO III

AS PESSOAS E SUA FORMAÇÃO

Neste capítulo nossa atenção se volta para as pessoas que povoam a vida religiosa na América Latina. Há dados novos que ajudam a compreender melhor a estrutura e o dinamismo dos religiosos deste Continente. Em primeiro lugar, consideraremos os Superiores e, logo depois, os demais membros da vida religiosa. Por fim, o estilo e as características que recebem.

4.1. OS SUPERIORES

Seguindo as linhas marcadas pelo objetivo deste estudo sociográfico, aqui se analisam a pirâmide de idade e o país de origem dos superiores gerais com dados que, em nível continental, mostram situações dignas de atenção.

4.1.1. A idade

Graficamente (Gráfico n.º 9) mostra-se a distribuição, por idade, dos superiores gerais das instituições religiosas presentes na América Latina. Como se pode avaliar no Gráfico n.º 9 as posições que exigem tomada de grandes responsabilidades são confiadas, de preferência, aos religiosos entre 56 a 60 anos e, entre as religiosas, a pessoas de idade mais avançada ainda, entre 61 e 70 anos. O gráfico revela ainda a mesma tendência em outros grupos de idade, pois para as religiosas sempre se exige idade superior.

Fenômeno semelhante se observa nas pirâmides de idade que correspondem aos superiores provinciais das instituições religiosas presentes na América Latina (Gráfico n.º 10) e na pirâmide dos responsáveis nacionais (Gráfico n.º 11).

Entendem-se aqui por responsáveis nacionais aquelas pessoas que estão trabalhando na América Latina e são os representantes dos superiores provinciais quando estes residem fora da América Latina.

No caso dos superiores provinciais e de seus representantes, o exercício desta responsabilidade se acumula nas margens de idade inferior. Entre 41 e 45 anos para os religiosos e 51 e 55 anos para as religiosas. No caso de representantes provinciais a idade varia de 46 a 50 anos para as responsáveis religiosas.

4.1.2. A Proveniência

Das cento e vinte e duas congregações que responderam ao quesito sobre proveniência, obteve-se como dado bem significativo que 61,47% dos superiores gerais são de procedência européia para os religiosos, com primazia da nacionalidade italiana.

Entre as religiosas, e sempre com referência às Superiores Gerais, o número de procedência européia é um pouco inferior: 51,90% num total de 503 respostas. Como se vê, mais da metade dos homens e das mulheres pertencem a culturas e a estruturas européias. No caso das religiosas, a maioria destas superiores são provenientes da Espanha. No caso dos religiosos, a maioria é italiana.

Nove vírgula oitenta e quatro por cento das respostas obtidas indicam que o superior geral é latino-americano, enquanto para as religiosas a porcentagem é de 27,83%. A resposta reconhece o grande número de congregações femininas autóctones fundadas no Continente.

O mesmo acontece com os superiores provinciais e responsáveis nacionais. A maioria está no exterior. No caso dos provinciais, três quartas partes dos superiores dos religiosos e das religiosas não são do país onde está instalada a província.

Muito mais de três quartos dos responsáveis nacionais dos religiosos são estrangeiros no país em que a congregação trabalha, e um pouco menos desta quantidade, no que se refere às religiosas.

Os dados anteriores significam em termos gerais que os supremos mecanismos de decisão para a vida religiosa na América Latina estão, em sua maioria, em mãos de pessoas não latino-americanas, ou nas mãos de responsáveis estrangeiros ao próprio país. Isto é de importância para se entender o que pode significar esta distribuição em termos de compreensão dos problemas latino-americanos, ou de conflitos no exercício da autoridade com relação aos mesmos.

QUADRO N.º 9.

**IDADE DOS SUPERIORES GERAIS DOS INSTITUTOS
RELIGIOSOS PRESENTES NA AMÉRICA LATINA**

I D A D E	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
	%	%
Setenta e um anos ou mais	4,0	7,5
De 61 a 70 anos	19,0	28,0
De 56 a 60 anos	23,0	22,0
De 51 a 55 anos	21,0	17,0
De 46 a 50 anos	18,0	14,0
De 41 a 45 anos	12,5	8,0
Menos de 41 anos	3,5	3,5
	<hr style="width: 100px; margin: 0 auto;"/>	<hr style="width: 100px; margin: 0 auto;"/>
	100%	100%

QUADRO N.º 10

**IDADE DOS SUPERIORES PROVINCIAIS DOS INSTITUTOS
RELIGIOSOS PRESENTES NA AMÉRICA LATINA**

I D A D E	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
	%	%
Sessenta e seis anos ou mais	1,0	2,5
De 61 a 65 anos	5,5	15,0
De 56 a 60 anos	12,5	16,5
De 51 a 55 anos	22,0	21,0
De 46 a 50 anos	20,0	17,0
De 41 a 45 anos	24,5	16,5
De 36 a 40 anos	12,0	8,0
Menos de 36 anos	2,5	3,5
	<hr style="width: 100px; margin: 0 auto;"/>	<hr style="width: 100px; margin: 0 auto;"/>
	100%	100%

QUADRO N.º 11

IDADE DOS RESPONSÁVEIS NACIONAIS DOS
INSTITUTOS RELIGIOSOS PRESENTES
NA AMÉRICA LATINA

I D A D E	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
	%	%
Sessenta e seis ou mais anos ...	1,0	2,0
De 61 a 66 anos	5,0	14,0
De 56 a 60 anos	12,0	12,0
De 51 a 55 anos	14,0	18,0
De 46 a 50 anos	18,0	19,5
De 41 a 45 anos	27,0	16,5
De 36 a 40 anos	18,0	12,0
Menos de 36 anos	5,0	6,0
	<hr/> 100%	<hr/> 100%

QUADRO N.º 12

IDADE DOS MEMBROS PROFESSOS DAS INSTITUIÇÕES PRESENTES NA AMÉRICA LATINA

	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
	%	%
Mais de 70 anos	4	7
Entre 63 e 69 anos	5	6
Entre 56 e 62 anos	9	8
Entre 49 e 55 anos	12	10
Entre 42 e 48 anos	14	14
Entre 35 e 41 anos	18	17
Entre 28 e 34 anos	16	18
Entre 20 e 27 anos	14	14
Menos de vinte	3	2,5

4.2. OS PROFESSOS

Anteriormente (cf. **Convergência**, março 1972, página 47) se examinou de maneira global e comparativa, a nacionalidade dos religiosos que trabalham na América Latina. Agora se faz referência exclusivamente aos dados que mostram as idades destas mesmas pessoas.

O Gráfico n.º 12 é bem significativo: acumulação de idades para homens e mulheres, entre 30 e 40 anos de idade. Note-se também maior longevidade para as religiosas. Mas a pirâmide mostra igualmente, de maneira alarmante, uma grande dificuldade de renovação, importante para o futuro, por causa da redução das bases da pirâmide. Quer dizer: está diminuindo o número dos que entram para a vida religiosa. A vida religiosa parece destinada a sofrer uma diminuição em algarismos totais na sua globalidade e um envelhecimento progressivo. Não é preciso insistir neste fato: a indicação que se está fazendo é exclusivamente de tipo quantitativo, sem alusão à qualidade de quem pertence à vida religiosa.

NÚMERO DE MEMBROS RESIDENTES NOS MOSTEIROS
CONFORME SUA PROCEDÊNCIA

	PROFESSOS		NOVIÇOS	
	Nacionais e Nacionalizados			
	Cfras Abs.	%	Cfras. Abs.	%
RELIGIOSOS	827	19,95	257	28,40
RELIGIOSAS	3.319	80,05	684	71,60
TOTAL:	4.146	100%	905	100%

4.3. QUEM MORA NOS MOSTEIROS

Agora nossa atenção se centraliza de maneira particular, nos religiosos e nas religiosas que moram nos mosteiros. Os dados que eles forneceram foram considerados dentro dos totais que caracterizam a situação global da vida religiosa na América Latina. Mas agora se quer destacar, numericamente, o que corresponde a eles em concreto.

Os mosteiros, como consta pela mesma tradição na história da Igreja, se dedicam fundamentalmente à vida contemplativa e gozam de certa autonomia com respeito à formação de seus membros e à responsabilidade mesma com que se desenvolvem.

Na América Latina há um maior número de monjas consagradas nos mosteiros (80,05% das pessoas que moram nos mosteiros), em comparação com os monjes (19,95%). A mesma proporção se observa entre os noviços que aspiram a vida contemplativa: 28,40% de religiosos, e 71,60% de religiosas.

A presença de estrangeiros na vida contemplativa é mínima. Conforme os dados expressos no questionário, propriamente não há estrangeiros, mas sim pessoal que se nacionalizou no país onde o mosteiro figura. Unicamente aparecem como estrangeiros, sem nacionalizar-se ainda, um escasso número de noviços (7 entre os monjes e 27 entre as monjas).

Deve-se dizer que se em outros campos deste questionário a resposta obtida foi insuficiente, neste o é muito mais, o que torna algumas apreciações comparativas difíceis de realizar.

4.4. CRESCIMENTO VEGETATIVO DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

Conforme os dados recolhidos no questionário, no período de 1965 a 1968 professaram 4.331 religiosos, enquanto que no mesmo tempo professaram 12.906 religiosas. Como se vê, para cada três religiosas que professaram, professou somente um religioso.

A mesma proporção de 3 para 1 se observa nos casos de morte: 2.245 religiosas para 823 religiosos. Em troca a proporção dos que abandonaram a vida religiosa, neste mesmo período é de três religiosas para dois religiosos. Quer dizer que sendo maior o número de religiosas que entram, e sendo também proporcionalmente maior o número de religiosos que abandonam, o crescimento vegetativo da vida religiosa feminina é superior à da masculina.

QUADRO N.º 14

CRESCIMENTO VEGETATIVO DA VIDA RELIGIOSA (anos de 1965 a 1968)

RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
Professaram	4.331	Professaram	12.906
Abandonaram	3.196	Abandonaram	4.268
Faleceram	823	Faleceram	2.245
Aumento	312	Aumento	6.383

O Quadro n.º 14 reflete estas realidades. Por outra parte, temos que assinalar: os que abandonaram a vida religiosa masculina foram em número quase idêntico religiosos com votos perpétuos (1.513) e religiosos com votos temporais (1.683). Pelo contrário, na vida religiosa feminina o número das que abandonaram com votos temporais (2.804) é o dobro das que o fizeram com votos perpétuos (1.464). Em outros termos, a fidelidade aos votos perpétuos é muito maior entre as mulheres do que entre os homens.

4.5 A FORMAÇÃO

Ao falar das pessoas, deve-se assinalar também o que a formação das mesmas implica: localizar o lugar em que se formam e os níveis de estudos que têm. Para isso se consideram três aspectos: a formação anterior ao no-

viciado; o estilo de noviciado, como momento muito especial na formação e, de forma mais ampla, as modalidades de estudo depois do noviciado.

4.5.1. Antes do Noviciado

Os religiosos homens continuam ainda sustentando um maior número de casas especialmente dedicadas a preparar seus candidatos ao noviciado. Em termos globais, das respostas recebidas, se assinalam 270 provinciais que têm casas especialmente para pré-noviciado: 492 respostas negativas, que atingem uma porcentagem de 60%, e 327 respostas positivas; que dizer, 40% das províncias religiosas femininas que responderam a esta questão têm casas especialmente consagradas a esta finalidade.

Estas diferenças no sustento das casas para formar candidatos à vida religiosa se manifestam também de outra maneira: são maiores as casas dos religiosos.

Com efeito, 57 casas têm uma média de 6 postulantes; 103 casas figuram com uma média de 47 alunos; e 75, comportam mais de 130 alunos.

De outro lado, em troca, 154 casas de religiosas para preparação de seus postulantes figuram sob a denominação de “pequenas”, com uma média de 6 pré-noviças por casa e 113 casas têm uma média de 41 postulantes por casa, não existindo nenhuma “grande casa” com médias superiores à anteriormente indicada e de modo algum com estilos de agrupação semelhante ao dos homens. As religiosas, aproveitam comunidade normais para preparar nelas as futuras noviças.

4.5.2. O noviciado

O Quadro n.º 15 nos assinala a localização e modalidade do noviciado.

Mais da metade dos noviciados femininos são da própria província e estão no país onde a província está instalada. Em troca, menos da metade dos noviciados, no que se refere aos rapazes, são exclusivamente de uma província religiosa e estão no país onde a província se encontra.

Também há diferenças quanto à integração de noviciados, seja das próprias províncias da congregação, seja de integração com outras instituições religiosas. Em ambas modalidades de integração, é superior o número dos religiosos que a empreenderam. Os religiosos têm um pouco mais de 12% de seus noviciados pertencentes a várias províncias da mesma congregação, ou a diversas instituições, enquanto que só 4% de noviciados têm tais características entre o conjunto de noviciados das religiosas.

Na moderna orientação da vida religiosa para a formação de seus candidatos há uma tendência crescente para que o noviciado se aproxime mais

LOCALIZAÇÃO E MODALIDADE DO NOVICIADO

	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Cfras. Abs.	%	Cfras. Abs.	%
Da Província e está no País .	179	43,55	413	56,34
De várias Províncias e não está no País	68	16,55	73	9,96
Da Província e não está no País	91	22,14	110	15,01
De várias Províncias e está no País	45	10,95	25	3,41
Noviciado conjunto	6	1,46	5	0,68
Noviciado no Mosteiro	22	5,35	107	14,60
	411	100%	733	100%

e mais das condições reais da vida na qual se inserira posteriormente a atividade dos religiosos. Esta tendência se orientaria, em primeiro lugar, a ter os noviciados dentro do próprio país. O fato, como se demonstrou anteriormente, é mais visível entre as religiosas que entre os religiosos, possivelmente pela mesma dificuldade das jovens religiosas se afastarem da nação e da própria família.

4.5.3. A formação depois do noviciado

A mesma tendência que foi observada com respeito à localização do noviciado se repete, de maneira mais acentuada, no que se refere a casas de estudos para depois do noviciado, como é demonstrado no Quadro n.º 15.

De fato, é inversa a proporção de casas que permitem aos religiosos sua formação no estrangeiro (56,27%), em relação à proporção de casas que permitem a formação das religiosas dentro de seu próprio país (56,38%). Os religiosos estão mais dispostos que as religiosas a sair de sua província e até mesmo de sua nação.

Também é notável a diferença entre religiosos e religiosas com relação ao número de estudantes que se localizam em casas exclusivamente de formação, onde continuam seus estudos. A tendência, de novo, é semelhante à que atravessam as formas de preparação ao noviciado. Quer dizer, os religiosos mostram maior inclinação a possuir casa independentes para o estudo,

LOCALIZAÇÃO DAS CASAS INDEPENDENTES
PARA ESTUDANTES, DEPOIS DO NOVICIADO

LOCALIZAÇÃO	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Cfras.	Abs. %	Cfras.	Abs. %
Dentro da Província	228	36,66	274	56,38
Dentro do País, fora da Província	44	7,07	26	5,35
Fora do País	350	56,27	186	38,27
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	622	100%	486	100%

enquanto que as religiosas se inclinam a formar suas jovens professoras em casas da instituição não independentes, quer dizer não exclusivamente consagradas a estudantes. As religiosas, pois, tendem a estudar em comunidades já formadas, alternando suas atividades comuns com o estudo.

Por isso é maior o número de religiosas que estudam em casas fora da instituição (9,08%), enquanto é menor o número de religiosos em idênticas condições (5,19%), indicando que entre os religiosos há maiores possibilidades de proporcionarem eles mesmos a formação de que seus próprios estudantes necessitam.

Deve-se destacar, como dado importante, que sendo muito superior o número de religiosas sobre o de religiosos na América Latina é maior o número de religiosos que continuam seus estudos depois do noviciado (7.317) sobre o de religiosas (6.830), de forma institucionalizada. A preocupação pela formação aparece como mais importante entre os religiosos que entre as religiosas; não só pela quantidade de casas dedicadas a estas funções, mas também pelo número total e relativo de religiosos que, de forma organizada, continuam sua formação.

Os dados anteriores são confirmados pelo Quadro n.º 17, no qual se observa claramente como os religiosos têm um maior número de casas próprias para a formação de seus membros, enquanto que as religiosas acorrem preferencialmente a outros centros fora de sua província.

QUADRO N.º 17

ESTABELECEMENTOS DE ENSINO ONDE FREQUENTAM OS ESTUDANTES DA PROVÍNCIA

LUGAR DE RESIDÊNCIA	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Cfras.	Abs. %	Cfras.	Abs. %
Casas independentes de Estudo	4.770	65,19	1.944	28,46
Outras casas da Instituição .	2.167	29,62	4.266	62,46
Fora das casas da Instituição	380	5,19	620	9,08
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	7.317	100%	6.830	100%

O Quadro n.º 18, nos mostra, novamente, um número superior de estudantes religiosos sobre o das religiosas e sobretudo, cursando níveis de alta qualificação: secundário e superior.

QUADRO N.º 18

NÍVEL DOS CURSOS DOS ESTUDANTES DA PROVÍNCIA

NÍVEL	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Cfras.	Abs. %	Cfras.	Abs. %
Primário	2.017	10,17	3.108	18,10
Secundário	12.645	63,74	9.287	54,09
Superior	5.175	26,09	4.775	27,81
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	19.837	100%	17.170	100%

Finalmente o Quadro n.º 19 assinala, de maneira conjunta, os níveis de estudos que seguem religiosos e religiosas e os centros próprios em que realizam tais estudos. É um resumo no qual mais uma vez se percebem as características antes assinaladas: maior atenção por parte dos religiosos, quantitativamente, e níveis superiores de estudos.

QUADRO N.º 19

NÍVEL DOS ESTUDOS E ESTABELECIMENTOS QUE FREQUENTAM ATUALMENTE OS ESTUDANTES

	Casas Próprias		Centros da Igreja		Outros Centros	
	R.os	R.as	R.os	R.as	R.os	R.as
	%	%	%	%	%	%
Primário	12,39	24,40	22,04	16,03	20,27	5,05
Secundário	70,26	62,57	31,62	34,94	36,61	50,34
Superior	17,35	13,03	46,34	49,03	43,12	44,61

Tanto para os religiosos (70,26%) como para as religiosas (62,57%) há uma preferência a prover a educação até o secundário nas próprias casas, enquanto que para os estudos superiores é preferido, com porcentagens um pouco maiores para as religiosas, centros de estudos da Igreja e organizações particulares ou do Estado.

4.4.4. Níveis finais de estudo

Perguntou-se sobre os níveis finais de estudos alcançados pelos professores, uma vez terminado oficialmente o período chamado de formação. E para determinar estes níveis, se assinalaram os que comumente se denominam “primário”, “secundário” e “superior”. O nível primário corresponde ao ensino elementar que pode estender-se na maioria dos países latino-americanos até os 14 anos de idade. O secundário abrange os estudos de bacharelado, normal, comércio e semelhantes, em uma idade que varia entre os 14 e 18 anos de idade. Finalmente, os níveis superiores de estudo compreendem tanto os universitários como seus equivalentes no campo da filosofia e teologia, no caso de religiosos que se ordenam sacerdotes.

Pois bem, segundo os dados do Quadro n.º 20 que focaliza os níveis de estudos feitos pelos professores que terminaram seu período de formação, observamos como há um maior número de religiosos (65%) que chegaram

ao nível superior: 28,40% em formação universitária, e 36,70% em formação teológica. Só 8,9% terminaram simplesmente a educação primária.

QUADRO N.º 20

NÍVEL DOS ESTUDOS DOS PROFESSOS QUE TERMINARAM SEU PERÍODO DE FORMAÇÃO

	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
Nível primário	8,91	29,29
Nível secundário	26,00	41,81
Nível superior	28,40	24,67
Estudos teológicos	36,70	4,24
	100%	100%

Por sua parte, as religiosas têm maiores porcentagens de pessoal que só receberam educação primária ou só, então o secundário, sendo baixa a porcentagem das religiosas que cursaram estudos superiores e teológicos (24,67%) de nível superior e 4,24% de estudos teológicos.

Todos os dados anteriores se referem ao número dos que oficialmente terminaram os estudos nos diversos níveis. Como se observa, os religiosos mostram melhores níveis de formação.

Estes números vêm completados pelos que se refere a “não graduação”. As respostas ao questionário assinalam que 6,09% dos religiosos não chegaram a terminar os estudos de educação primária, entre o total dos que não obtiveram graduações nos diversos níveis. E, de novo, é menos favorável a situação das religiosas, pois entre as que não chegaram a obter graduação, 31,33% nem sequer fizeram os estudos de nível primário.

A REGIONAL DO RECIFE

I PARTE

Fala o Secretário Executivo, Pe. Geraldo Pennock:

— Com a ajuda eficiente da Irmã Cecília Soderro Pousa, nossa incansável Presidente e presente do céu, já iniciamos e realizamos vários pontos do esquema (10 de março de 1972).

Primeiro

Equipe de reflexão teológica. Reunião em conjunto com a equipe de ministérios. Encontramos a melhor boa vontade por parte dela. Aceita incluir em sua reflexão os temas por nós propostos, pois acham mesmo que estão plenamente na linha de sua reflexão. Pediram sim, plena independência. Nada de imposição por nossa parte. Mas quem é que queria fazê-la! Houve esta reação porque falei na possibilidade de ajuda financeira, o que por alguns foi mal interpretado como uma espécie de compra, ou relação, patrão-empregado. Desfizemos estas idéias e mostramos que a CRB só se considerará devedora da equipe e não dominadora.

A equipe ainda quis declarar que por princípio é bem aberta e que toda pessoa que em nome da CRB quisesse dar sua colaboração à reflexão, seria bem-vinda. A equipe já conta com cinco membros religiosos permanentes, mas não se opõe à presença e ajuda de outros, quando for conveniente. Ainda temos de planejar dentro da equipe o roteiro dos trabalhos.

Segundo

Noviciado intercongregacional. Chegaram várias respostas a um inquérito que foi mandado aos Superiores Maiores e aos Mestres e todas foram positivas. Se Deus quiser, iniciaremos depois da Páscoa. Já temos mais de quarenta candidatos e candidatas. Os franciscanos se entusiasmarão e entrarão com oito noviços. Colocaram até a própria casa à disposição e chegaram a estudar a necessidade de colocar ar condicionado. Antes da Semana Santa será convocada uma reunião com os interessados para os últimos detalhes.

Terceiro

Cursos do sábado. Visto o grande interesse que continua existir nestes cursos, fizemos tudo para apressar a reformulação dos mesmos. Para o Curso Superior de Ciências Religiosas conseguimos a ajuda do ITER. Os professores do ITER consideram tanto este curso que até de graça aceitavam dar aulas. É claro que esperamos não ser necessário. Meu confrade, Pe. Humberto Plumen, Diretor do ITER, se propôs organizar um programa de curso de três anos. Provavelmente reiniciaremos as aulas depois da Páscoa. O outro curso de Promoção Pastoral para nível secundário já poderá iniciar dia 18 de março. Sob a orientação da Irmã Maria Teresa, minha Secretária Adjunta vai ser orientada mais ainda a pastoral, de modo especial: jornadas feriais. Todo o primeiro semestre foi visto como uma jornada dinâmica e já contamos com a ajuda do Pe. Guerre e do Pe. Marcelo Messier, SJ.

Quarto

Outro trabalho iniciado nestes dias foi a formação de uma nova equipe de trabalhadores e trabalhadoras para o Secretariado. Conforme o organograma indica pensamos ao lado do Secretário Executivo e da Secretária Adjunta uma equipe de coordenação, que não é mais formada de pessoas que fazem, mas por pessoas que antes de tudo conosco querem pensar, rezar, refletir e viver. Uma equipe que se dispõe a se reunir muitas vezes, não só para falar sobre o agir, mas antes sobre o ser e sobretudo que pode ajudar a ser melhor.



REPORTAGENS

Já posso contar com a Ir. Maria Diederichs, Pe. Adriano Backx e Pe. Morissette. Este último é vigário episcopal para as religiosas na Arquidiocese e talvez não terá tanto tempo disponível. Penso ainda em convidar a Ir. Peggy, ainda mais que Ir. Maria provavelmente irá fazer um curso de cinco meses na segunda metade do ano. É claro que a equipe não deve ser grande e que 4 ou 5 já chegam. A vantagem desta equipe é que representa também as áreas mais importantes de reflexão.

Pe. Adriano trabalha na pastoral de saúde; Ir. Maria Teresa na pastoral da juventude; Teresa e Peggy conhecem bem a realidade da educação. Ainda falta muita coisa para fazer, pois precisaremos ainda de várias pessoas que se poderão encarregar de trabalhos específicos, como o acompanhamento do noviciado intercongregacional, a coordenação do curso, a coordenação de reuniões, o boletim etc. Lembro ainda

que a procuradoria no organograma é apenas um sonho ainda.

Estamos também procurando quem possa organizar uma equipe que represente o núcleo arquidiocesano. Ir. Maria de Lourdes Mafria já não pode mais. Mas a Arquidiocese aceitou plenamente a idéia e nos confiou a primeira organização.

Mais tarde poderá haver eleições democráticas, quando os religiosos e religiosas souberem de que se trata. Para o trabalho com e entre as contemplativas contamos com a ajuda valiosa da Ir. Mectildes, beneditina. Assessores de ligação já temos vários e aos poucos esperamos entrar em contrato com eles, junto com a equipe de coordenação.

II PARTE

Para responder às primeiras perguntas, formuladas na Circular n.º 6/71, encontramos um trabalho da CNBB-Regional NE II, que responde muito bem ao teor das perguntas. Chamamos também a atenção para um trabalho do Pe. José Comblin: **Fé e Magistério no contexto hodierno do Nordeste**, um estudo que ele apresentou no III Curso de Atualização Pastoral, para o Episcopado, em Ponta Negra (13-23/9/67).

Quanto à vida religiosa, em linhas gerais vale ainda o que se diz na página 6 (1.3.3) do citado trabalho da CNBB. Seguem aqui alguns apontamentos nossos:

Primeiro

Há uma procura geral, pelos Bispos do Nordeste, de religiosas que se dispõem para trabalhar em paróquias, não para serem "vigárias", mas para serem certa completamentação do padre, tanto na própria interação do padre com as religiosas, para juntos refletir, rezar e buscar,

como na pastoral, numa ação comum de planejamento, reflexão etc.

Segundo

Na grande maioria das Dioceses nordestinas participam também as religiosas dos encontros do clero e do Povo de Deus e elas ajudam em muitos lugares na coordenação de diversas atividades pastorais das dioceses.

Terceiro

Em geral pode-se dizer que há crescente abertura individual entre as religiosas, não raras vezes ainda dificultada pela rigidez tradicional, ou abertura muita lenta de casas ou do Instituto como tal. De modo especial existem ainda várias Congregações com governo geral no estrangeiro, que não entende bastante o desenvolvimento da Vida Religiosa no Brasil e segura suas súditas em tradições antiquadas.

Quarto

Problemas especiais em frente da renovação e atualização da Vida Re-

ligiosa encontram Congregações, que no passado não cuidaram da cultura básica de seus membros, seja por falta de exigências neste sentido na seleção das candidatas, seja pela separação que havia entre "mães" formadas e irmãs "domésticas". Esta dicotomia desapareceu oficialmente, mas, exatamente devida à diferença de cultura, ainda continua existindo na mentalidade de muitas.

Quinto

O movimento vocacional continua precário em toda a nossa Região e não há ainda sinais de mudança. Quanto mais exigente começa ser a seleção, tanto mais difícil o crescimento num ambiente de subdesenvolvimento e pouca cultura. Também é ainda cedo para a juventude ver uma nova imagem da Vida Religiosa. A insegurança das próprias religiosas é ainda muito grande, embora haja uma sincera procura de renovação.

Sexto

A grande maioria das Religiosas continua trabalhando nos Setores da Educação e da Saúde. Certamente continua aqui uma tarefa para as Religiosas, uma vez que existe ainda grande falta de leigos qualificados para ambos os setores. Sobretudo no setor da Saúde começam cada vez mais religiosas fazer uma grande interrogação sobre a utilidade e eficiência de seu trabalho em Colégios grandes e na maioria destinados para as classes mais privilegiadas. As religiosas mais jovens sobretudo preferem trabalho pastoral, procuram entrar em pequenas comunidades, para

se inserir no povo e na pastoral do ambiente e da presença. O número de tais fraternidades cresce continuamente.

As experiências neste sentido são objeto de preocupação contínua da nossa Regional, que por encontros regulares procura estimular a reflexão necessária sobre a vitalização da própria Vida Religiosa nesta nova forma de vida e sobre a disponibilidade real para uma verdadeira inserção na pastoral de hoje.

Sétimo

O surgimento destas pequenas comunidades está aos poucos mudando o antigo esquema de divisão dos religiosos, de preferência pelas capitais e centros de comércio. Há uma nova atenção para lugares menores do Interior e para os subúrbios abandonados, diminuindo a antiga concentração em grandes cidades. Estamos ainda no início desta mudança, mas a mentalidade já começa ser outra. Através de jornadas nas férias espera a Regional estimular esta abertura para o Interior!

Oitavo

O diálogo entre religiosos e religiosas continua ser deficiente. Pouco se reflete em comum sobre a Vida Religiosa. Já constatamos que na base da pastoral há um entrosamento crescente. O problema de a reflexão em comum ser difícil, não está só na falta de boa vontade por parte dos religiosos. O problema está muito mais na diferença de atitude diante da Vida Religiosa. As religiosas questionam seu modo de ser, mas

em geral não colocam em dúvida a própria vida religiosa; o religioso questiona o próprio ser religioso.

Fato é que muitos chegaram à Vida Religiosa só por ela ser o caminho mais fácil que se lhes abriu para o sacerdócio; este foi optado, aceito sem uma profunda opção, simplesmente porque assim se apresentou o sacerdócio. Esta diferença de problema não se tira, reunindo de vez religiosos e religiosas numa mesma reflexão. Será necessário uma profunda aproximação do problema próprio dos religiosos. Sua vida religiosa deve ser novo objeto de estudo, pois deve ser considerado em novo contexto, não o contexto tradicional da vida monástica, mas o contexto real e atual da vida na pastoral. Será necessário estudar a relação entre a Vida Religiosa e a atividade sacerdotal numa pastoral que mudou e que não exige tanto a presença dos religiosos para continuar paróquias tradicionais, mas para novas experiências pastorais. Esta reflexão deverá ser feita também com os bispos do Brasil, para que eles entendam a vocação especial dos religiosos em seu ser e em seu agir!

Será necessário também preparar uma nova geração que só chegue ao sacerdócio após uma opção consciente de sua vida religiosa! Dando primeiro atenção a estes problemas específicos do religioso, poderemos mais tarde chegar a uma maior interação entre religiosos e religiosas.

Nono

Ao fim destas colocações gerais, não precisamos dizer muito sobre o

trabalho da CRB, que já não foi dito ou sugerido. A Regional fez nos anos passados muitíssimo para mudança de mentalidades, para abertura de congregações, para trabalhos intercongregacionais e maior interação, para maior engajamento na pastoral etc. Falta ainda fazer muito mais. A reformulação do nosso Secretariado, com toda uma reformulação da essência de nossos trabalhos, seguindo o exemplo do Secretariado Nacional, nos dará novas possibilidades e fará dela um instrumento cada vez mais atualizado, por melhor responder à sua finalidade específica!

Dados estatísticos

Na Regional Nordeste II há 58 Ordens e Congregações:

14 masculinas;

44 femininas;

36 com governo provincial;

7 com governo geral;

14 com sede na região.

Há 108 casas masculinas e 285 femininas. Total: 393. As casas são distribuídas pelo Nordeste do seguinte modo: **Pernambuco**, 63 masculinas e 142 femininas. Na capital, Recife e Olinda: 133. **Paraíba**: 24 masculinas e 55 femininas. Na capital, João Pessoa: 21. **Rio Grande do Norte**: 12 masculinas e 47 femininas. Na capital, Natal: 23. **Alagoas**: 9 masculinas e 41 femininas. Na capital, Maceió: 25.

Há 160 entidades de ensino nas mãos de religiosas e 26 nas mãos de religiosos.



ESTANTE DE LIVROS

ASPECTOS HUMANOS DA GERÊNCIA, de G. W. Howells. Tradução do original inglês **Human Aspects of Management** por Wilson Benes Cardoso. Editora Vozes Ltda. Páginas 160. Ano 1972.

À proporção que a indústria progride, observa-se crescente complexidade. Fusões e encampações estão complicando o trabalho de gerência. A intervenção estatal na fixação dos salários, o ganho por produtividade, elevados índices de taxaço direta e indireta deixam freqüentemente o assalariado confuso, pois não sabe exatamente para que está trabalhando.

O uso sempre maior de métodos sofisticados de controle, baseados na análise de sistemas e no uso de computadores, deixa o indivíduo sem saber onde e como se ajustar. Durante os últimos anos a indústria fracassou na administração do pessoal. Os métodos tradicionais de controle já não satisfaziam. Os resultados eram imprecisos. A ciência do comportamento também não tinha clareza acerca dos motivos que levavam as pessoas a trabalhar. Muito se escreveu e várias teorias sobre motivação surgiam.

Chegou-se a certo acordo a respeito dos princípios básicos. Isto, no entanto, levou a uma mudança na ênfase dos estudos de gerência. Tentativas de aplicar os conhecimentos ainda em fase de estudos ao que as pessoas precisavam auferir de seus trabalhos resultou em inúmeros livros de **know-how**.

Este livro tenta unir os dois temas num só. Faz uma revisão crítica dos conhecimentos existentes nesta área. Apresenta uma análise detalhada do essencial para uma profícua gerência. E tudo dentro de uma estrutura organizacional, pois a gerência não pode ser entendida isoladamente.

Não há fórmulas para a gerência. Problemas difíceis exigem habilidades raras. Espero que este livro auxilie na compreensão de alguns problemas mais difíceis e que também mostre como as soluções podem ser encontradas.

A FORÇA DA FICÇÃO, de Hélio Pólvora. Editora Vozes Ltda. Páginas 160. Ano 1971.

Pela primeira vez em livro aparece um estudo sobre o moderno conto brasileiro, seus fundamentos, tendências e principais cultores. Apaixonado pelo gênero, Hélio Pólvora atribui-lhe importância não inferior à do romance, resgatando-o de um imerecido segundo plano em nossa prosa de ficção.

Alguns aspectos do romance contemporâneo, nacional e estrangeiro, também são aqui estudados. Borges, Beckett, Henry James, Lawrence, Lúcio Cardoso, Adonias Filho, Autran Dourado, O. G. Rego de Carvalho. Uma literatura que está acontecendo, que se reflete em nossa vida, associada às suas mais íntimas interrogações.

Em outras palavras, a utilidade da ficção. As páginas deste volume transcendem, por isso, da crítica literária, assumem no seu conjunto um tom de

ensaio. A visão do crítico é geral. Não lhe interessam pesquisas parciais fundamentadas na erudição vazia ou na curiosidade de curto alcance. Ele busca quase sempre a essência da obra. Esforça-se por atingir o ponto em que ela se define, se ilumina.

As cinco virtudes que Fernando Pessoa exigia do intérprete — simpatia, intuição, inteligência, compreensão e graça (ou melhor: estado de graça) — estão aqui representadas. A crítica se realiza na teoria, que reforça neste livro o seu caráter didático e na aplicação. E em qualquer dos casos, o crítico é sempre, por disposição natural, um instrumento de ressonância.

A Força da Ficção, em que pese o seu rigor analítico, é também um exemplo de imaginação criadora. Entregando-o ao público, estamos certos de realizar o gosto pela interpretação literária.

ITINERARIUM, Revista Trimestral de Cultura. Janeiro-Março 1972, n.º 75, ano XVIII. Revista publicada pelos franciscanos de Portugal.

JUVENTUDE PALOTINA, revista bimestral dos Padres Palotinos. Fevereiro de 1972, Londrina, Paraná.

RENOVAÇÃO CRISTÃ, março 1972, ano 39.

RENOVAÇÃO, Boletim Informativo da Regional Sul 3 da CNBB e da CRB, número 53, março 1972.

CLAR, Boletim de Janeiro e fevereiro 1972.

RENOVACIÓN, n.º 28, novembro 1971.
Revista do Centro Ecumênico João
XXIII, Salamanca, Espanha.

NOSSO BOLETIM, órgão oficial da
Regional da CRB de São Paulo, feve-
reiro e março 1972.

ESPRIT, revista francesa de cultura.
Ano 40, fevereiro 1972.

CITOC, Centrum Internationale Ordinis
Carmelitani. Órgão Informativo do Go-
verno Central de Roma dos Frades Car-
melitas, março 1972

BOLETIM INFORMATIVO da Regional
NE-I, janeiro 1972. Fortaleza-CE. Feve-
reiro 1972 e março 1972.

ÉGLISE AUJOURD'HUI, n.º 334, janei-
ro 1972.

BROTÉRIA, revista de cultura e infor-
mação. Fevereiro 1972.

A AMAZÔNIA BRASILEIRA EM FOCO,
julho-dezembro 1971, n.º 6. Boletim in-
formativo de 150 páginas, publicado pe-
la Comissão Nacional de Defesa e pelo
Desenvolvimento da Amazônia.

PRETRES DIOCESAINS, janeiro 1972
e fevereiro 1972. Revista cujos temas
versam sobre espiritualidade, estudos,
pastoral, informações várias.

CONVIVIAM, revista de investigação
e cultura, novembro/dezembro 1971.

ATUALIZAÇÃO, revista de divulgação
teológica para o cristão de hoje. Nú-
meros 25/26, janeiro-fevereiro 1972. Nú-
mero especial.

**FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA ANA-
LÍTICA**, as conferências de Tavistock.
C. G. Jung. Tradução de Araceli Elman.
Prefácio e Introdução de Leon Bona-
venture. Editora Vozes Ltda. Ano 1972.
Páginas 240.

Este é o livro em que Carl Gustav
Jung expõe os fundamentos de sua psi-
cologia analítica. É o equivalente à "In-
trodução à Psicanálise", de Freud. Jung
expõe aqui de maneira fácil, simples e
precisa, o ABC da psicologia analítica,
as linhas básicas em que repousa todo
o pensamento jungueano.

São cinco conferências seguidas de
debates. O auditório perante o qual Jung
pronunciou estas conferências era o
mais agressivo e crítico possível. De
propósito constam os debates, pois as
objeções feitas a Jung naquela época
(1935) repetem-se ainda hoje. Muitos,
estribados nestas objeções, rejeitam a
psicologia analítica em seu todo. Nada
melhor que ler as respostas que o pró-
prio Jung deu a estas objeções e crí-
ticas.

Jung não intencionou nesta obra fazer uma síntese de seu pensamento, nem arquitetar uma teoria. Aliás nunca foi amigo de teorias perenes. O que sempre pretendeu foi ajudar o homem contemporâneo nas suas perturbações e conflitos interiores. Para isso, procurava, primeiro, circunscrever e descrever os fenômenos psíquicos, sem preocupação de encaixá-los numa teoria. Interessava-lhe o homem, na sua realidade individual, e não o campo teórico.

Permaneceu num nível fenomenológico. Sua preocupação era nunca dizer a última palavra sobre um fenômeno, mas descrevê-lo, convidando os ouvintes ou leitores a penetrar em sua realidade. Jung começava seus estudos sempre em contato com as realidades da alma humana, na sua prática de psicoterapeuta. Era eminentemente empírico.

Podemos dizer que este livro é a fonte da psicologia analítica e uma fonte para conhecer a personalidade do autor. Ele contribuirá para tornar conhecido, de maneira justa e correta, o pensamento de Jung.

CONFER, revista da Conferência espanhola de religiosos, Madri. N.º 36, fascículo 3 de 1971. Revista trimestral. Este fascículo é dedicado à oração. Veja os títulos: 1. A oração na vida cristã. 2. Também hoje a oração é necessária? 3. Os salmos, oração cristã. 4. A nova liturgia das horas. 6. O equilíbrio humano da oração. A Doutrina de Santa Teresa.

CONFER, fascículo 4 de 1971. Este número é dedicado a estudos e comentários sobre **Evangelica Testificatio**. Destacamos estes títulos: 1. Reflexões sobre a obediência religiosa à luz da E. T. 2. A oração na Evangelica Testificatio.

SEMINARIOS, cadernos de formação religiosa editados pelo Instituto Vocacional Maestro Avila de Salamanca. Volume 17, dezembro 1971, n.º 45. Mais de 200 páginas.

CANTOS E ORAÇÕES, edição atualizada do **Cecília**. 41.ª edição. Editora Vozes Ltda. 1972. Páginas 290. Capa plastificada. Edição A, sem melodias. Como está feito, **Cantos e Orações**, atende ao maior número possível de comunidades. Esta foi a principal finalidade de seus coordenadores: Frei José Luiz Prim, OFM, Pe. José Weber, SVD, Frei Almir Guimarães, OFM.

A segunda parte do livro contém uma seleção de **celebrações, sacramentos e orações**. É o principal que o cristão precisa ter em mãos para participar de qualquer liturgia e celebração. Não se descuidou das orações que o fiel deve cultivar em sua vida particular e na intimidade de seu lar.

Cantos e Orações é a continuação da longa tradição do conhecido **Cecília** que reaparece em edição completamente refundida e adaptada aos tempos atuais.

CAMINHANDO JUNTOS, de Hugo D. Baggio. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 48. Páginas escritas com simplicidade para leitores simples. Querem ser um despertador de reflexões. Lendo-as sente-se movido para encontrar razões para ser alegre e derramar alegria. Há ao redor de nós muitas belezas. Urge despertá-las. Há muitas belezas, urge descobri-las. É tudo candura e simplicidade. É disso que andamos necessitados.

TEOLOGIA FUNDAMENTAL PARA LEIGOS, do Pe. Waldomiro Otávio Piazza, S.J., Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 240.

O presente livro deve sua existência a um convite que recebi para expor, em curso de Teologia para leigos, a parte referente à Teologia Fundamental. Procurei, na ocasião, elaborar um esquema de palestras que reunisse os pontos-chaves desta matéria e fossem, ao mesmo tempo, uma resposta às dificuldades que, neste particular, levantam os cristãos de nosso tempo.

Optei por um confronto entre a Fé Cristã e a Escritura, que me dava a oportunidade de introduzir os leigos nos principais problemas da exegese atual, bem como de capacitá-los para descobrir, por si mesmos, a Palavra de Deus contida nos livros santos. Terminado o curso pareceu-me que o esquema poderia ser aproveitado em livro, que servisse de sugestão para cursos semelhantes, já que temos tão pouca literatura com esta finalidade.

Enriqueci o esquema com alguns apêndices históricos, que dessem aos leigos uma visão real do alcance de

certas questões, aparentemente de valor apenas especulativo. Acrescentei outros apêndices e notas com a finalidade de esclarecer algumas questões exegéticas e teológicas que vinham acenadas no contexto das palestras. Omiti, porém, aquelas questões de valor acadêmico mais do que real (por exemplo, Possibilidade da Revelação) ou de valor puramente apologético (por exemplo, Qual a verdadeira religião?), bem como questões que são próprias de tratados especializados, como os de Cristologia ou Eclesiologia.

Detive-me nas relações entre a Fé Cristã e Escritura Santa porque este é o ponto que mais interessa aos leigos. Facilmente admitem eles que a Bíblia é uma notável coleção de livros religiosos, mas querem saber porque é chamada **Palavra de Deus** e, mais ainda, como descobrir nela esta Palavra de Deus, já que a Bíblia, por causa de sua forma literária própria, parece tão estranha e difícil de entender.

Inclui o argumento tradicional da Historicidade dos Evangelhos não porque fizesse falta ao esquema, mas porque, ainda hoje, é este o meio mais apto

para esclarecer o verdadeiro sentido do valor histórico dos evangelhos:

Este livro, como se vê, é uma tentativa para situar a Teologia Fundamental dentro da problemática religiosa de nossos dias, mais voltada para soluções escriturísticas do que racionalistas.

Waldomiro Otávio, SJ

O HOMEM À PROCURA DE SI MESMO, de Rollo May, Editora Vozes Ltda., tradução do original inglês **Man's Search for Himself**, de Áurea Brito Weissenberg. Ano 1972. Páginas 230.

Rollo May, um dos maiores psicanalistas da atualidade, escreveu este livro no intuito de ajudar as pessoas a encontrarem-se a si mesmas. Mostra os caminhos que podemos trilhar para fazer frente à insegurança de nossa época e encontrar uma fonte de energia dentro de nós mesmos. Não é um livro de receitas que produz curas instantâneas. Mas ajuda enormemente aos leitores porque projeta luz sobre algumas coisas que estão na base de seus sentimentos de perturbação e conflito.

O autor escreve com rara sensibilidade, acuidade e simplicidade. Fala do isolamento e ansiedade do homem moderno, da perda de certezas causada pelas rápidas mudanças de nossa sociedade. Aponta o caminho para valores e metas que podem oferecer certa estabilidade nesses dias em que tão poucas coisas são seguras. Mostra como podemos obter um realmente conhecimento de nós mesmos que nos trará liberdade e coragem.

Erich Fromm dizia deste livro:

— Considero esta obra profunda como sendo de grande utilidade para todos os estudantes da natureza humana e para todas as pessoas que se interessam seriamente pelos problemas de sua própria vida.

Transparece nesta obra a experiência que o autor adquiriu no contato com pessoas que lutavam para resolver seus problemas, para alcançar uma nova integração. O livro é, neste sentido, popular. Animado de imaginação e humor, imbuído de vasta cultura, encara os problemas com honestidade, coragem e responsabilidade. Analisa a vida como a estamos vivendo e sua análise é verdadeira e profunda. Consegue unir a compreensão psicológica com a decisão ética.

É um livro brilhante de autor inteligente que dará a muitos uma nova e mais clara compreensão de si mesmos.

MYSTERIUM SALUTIS, I/4. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. Teologia Fundamental: Revelação de Deus e resposta do homem. Editora Vozes Ltda., Ano 1972. Páginas 200.

Índice deste volume I/4: Capítulo V.

Parte I: O ouvinte da Palavra Divina.

Parte II: A Fé segundo a Sagrada Escritura.

Parte III: Esboço de uma História dos dogmas e da Teologia.

Parte IV: Explicação Teológica da Fé.